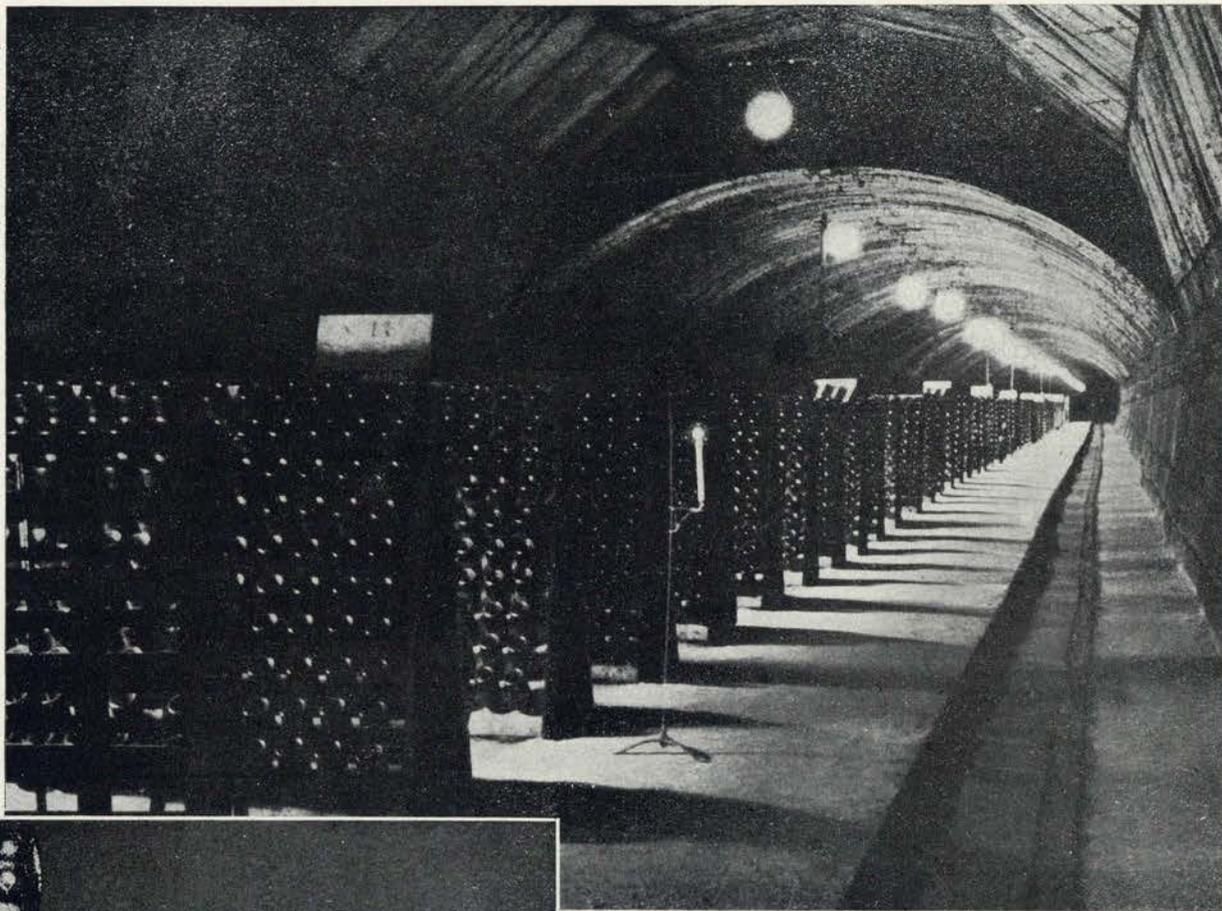
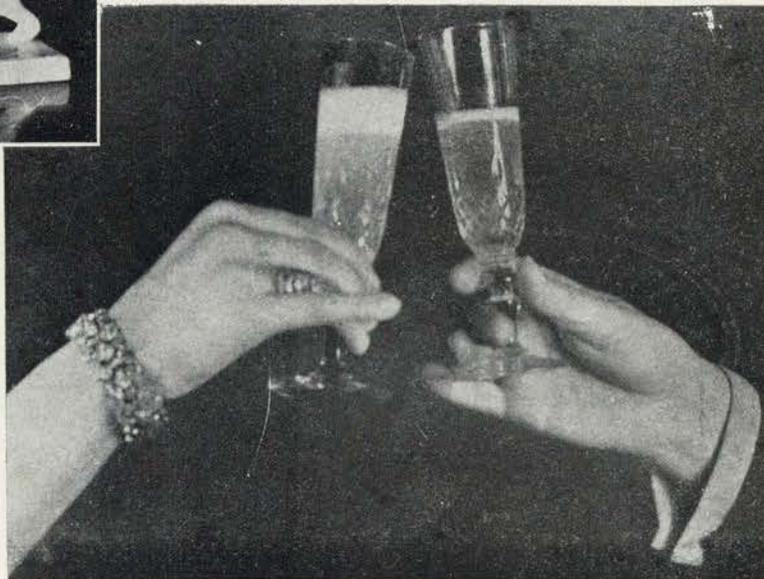
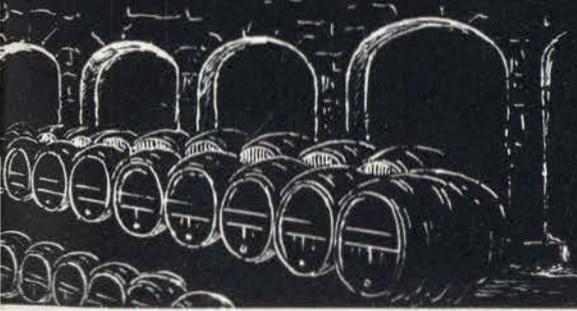
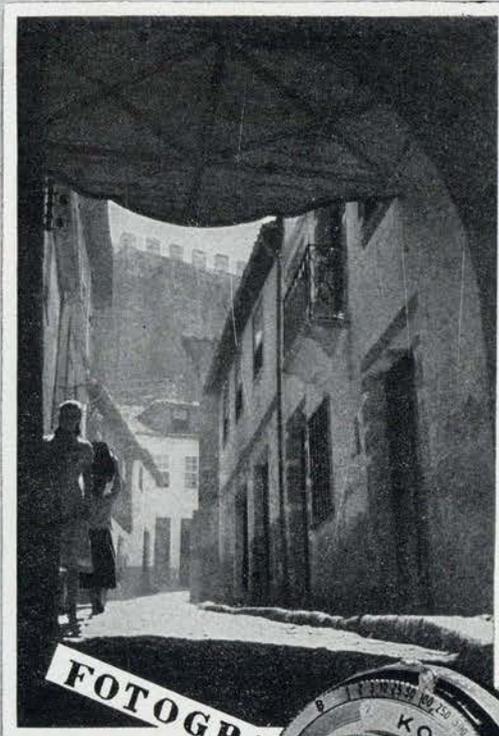
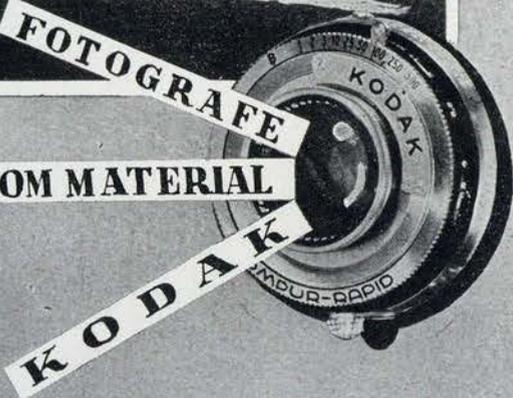
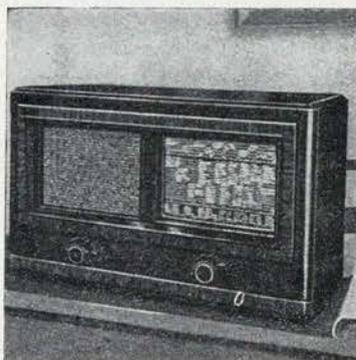
número 19 ★ ano 3.º ★ 1944

PANORAMA

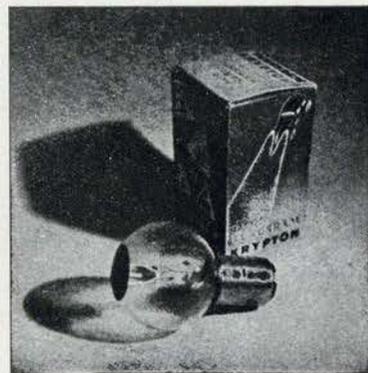
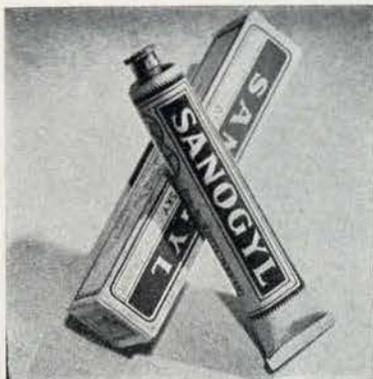
REVISTA PORTUGUESA DE ARTE E TURISMO

SEDE EM GAIA: TELEFONE 3478 / FILIAL EM LISBOA: RUA DO ALECRIM, 117 / TELEFONE 2 2556

DEPÓSITO NO PÔRTO: RUA DE ENTREPAREDES / TELEFONE 440

Aviz Hotel
É, EM LISBOA, UM HOTEL EUROPEU DE FAMA INTERNACIONAL

Aqui se aconselha...

Eis um receptor que é uma fonte de alegria e distração. É o ORION 244, tão apreciado pelas pessoas de bom gôsto e bom ouvido. Recebe fàcilmente, nas ondas de 13 a 1.950 m., a música e as notícias de todo o mundo. O novo regulador automático de volume compensa perfeitamente as variações de intensidade da onda. O regulador de tonalidade permite escolher o som mais agradável. Representantes: RADIÓFILA, R. Nova do Almada, 80, 2.º, Lisboa.

Deseja decorar a sua casa, dar-lhe um ambiente moderno? Procura reclamar e apresentar com bom gôsto os produtos do seu comércio ou indústria? Aconselhe-se no ESTÚDIO DE ARTE «STOP», na Rua Nova da Trindade, 6-A, telef. 28498, Lisboa, que lhe indicará quadros modernos, objectos de arte em cobre, ferro forjado, madeira, etc., que lhe dará desenhos de rótulos, embalagens, montras, cartazes, e cuidará de litografias e da publicidade.

Chegada a Páscoa, é sempre preocupação a escôlha de um brinde a oferecer. Aqui o aconselhamos a que visite a OURIVESARIA CORREIA, na Rua do Ouro, 245-247 em Lisboa, onde pode escolher entre a enorme variedade de filigranas, pratas e jóias de fino gôsto, o brinde com que deseja presentear a pessoa da sua amizade. Variedade, qualidade, economia... — Veja primeiro as montras e entre. Verá que logo encontra o que deseja, a preços acessíveis.

Tungsram - Krypton é a lâmpada hoje preferida para faróis de automóvel. Dando mais luminosidade do que qualquer outra, dispende menos energia. Esta razão é suficiente para se aconselhar o seu uso. Não lhe parece? — Se quere poupar dinheiro, economizando a bateria do seu carro, faça, pois, a substituïção das lâmpadas do seu automóvel pelas da marca *Tungsram-Krypton*. Com estas, ficam as noites claríssimas. Viajará com mais gôsto e maior tranqüilidade.

que leia, veja e compre

Cuide da sua bôca! Mas considere que só um dentífrico cientificamente preparado — como o SANOGYL — exerce uma eficaz acção desinfectante, sem prejudicar o esmalte dos dentes. Usar SANOGYL é uma necessidade. Adquira imediatamente um tubo e verifique os resultados! Estamos certos de que obterá os melhores, e passará a usar sempre a pasta SANOGYL.

Entre as casas que em Lisboa têm à venda a melhor e maior variedade de produtos de beleza, destaca-se a PERFUMARIA DA MODA, na Rua do Carmo, 5 e 7. Confirmam o que dizemos as numerosas senhoras de bom gôsto que preferem fazer ali as suas compras dos PRODUTOS HARLÉSS, de que aquela perfumaria é depositária. HARLÉSS — são perfumarias de grande classe e, por isso, se explica a enorme procura que têm.

Esta fotografia é de uma bonita jarra decorativa, da acreditada FÁBRICA DE CERÂMICA VIUVA LAMEGO, LDA., no largo do Intendente, 14 a 25, em Lisboa. Nesta fábrica, que foi fornecedora das Exposições Internacionais de Paris e de Nova York, executa-se enorme variedade de azulejos de padrão artístico (género antigo), louça regional, faianças artísticas, vasos de louça para decoração e ainda louça de barro vermelho, manilhas e outros acessórios.

Se vai adquirir um lustre em cristal da Boémia, vidro Murano, bronze ou ferro forjado, não se decida por qualquer, sem ver primeiro os que se vendem nos estabelecimentos de JÚLIO GOMES FERREIRA & C.ª, LDA., na Rua do Ouro, 166 a 170, e na Rua da Vitória, 82 a 88, em Lisboa. Esta casa procede, ainda, a instalações frigoríficas, eléctricas e de iluminação, aquecimento, sanitárias, ventilação e refrigeração, etc.

Aqui se aconselha...

E. DE SOUSA & SILVA, LDA., na Rua do Ouro, 157-159, em Lisboa, é sem dúvida uma das melhores oficinas de GRAVADOR. É conhecida a perfeição da enorme variedade de objectos que lá se fabricam ou se vendem. São êles: chapas esmaltadas, carimbos em todos os géneros, sêlos em branco, etiquetas, alicates para selar a chumbo, sinetes, anéis com gravuras, brazões, monogramas, datadores, numeradores e artigos para escritório e de novidades.

ESTÁ tratando da decoração da sua casa? Mesmo que não esteja... Ou talvez tenha necessidade de escolher um brinde de «bom gôsto», para oferecer a alguém de sua amizade. Aqui o aconselhamos que procure ver a enorme variedade de excelentes TRABALHOS EM FERRO FORJADO — como sejam: candeeiros, mesas, candelabros, cinzeiros, grades para interiores, etc. — fabricados e em exposição na CASA ESTEVES, na Rua das Amoreiras, 88, em Lisboa.

TOME nota desta firma e do seu endereço: GUEDES SILVA & GUEDES, LIMITADA — 32, Rua Eugénio dos Santos, 34, em Lisboa, telef.: 2 3746. Aqui, nesta casa da especialidade, encontram os interessados não só imensa variedade de FERRAGENS para a construção civil, em todos os estilos, como ainda enorme sortido de FERRAMENTAS. Guedes Silva & Guedes, Lda., aceitam também encomendas para CROMAGEM em todos os metais.

O candeeiro eléctrico, pela sua necessidade de uso, toma obrigatòriamente parte no conjunto duma casa. Assim, ao comprá-lo, escôlha um que constitua um motivo valioso de decoração. Antes de se decidir por qualquer, visite a FÁBRICA DE CANDEEIROS ELÉCTRICOS, COSTA & MORAIS, LDA., na Rua Serpa Pinto, 1, Lisboa, onde encontrará lindos candeeiros de cristal, ferro forjado, cromados, dourados e *abat-jours* de modelos modernos para todos os géneros.

que leia, veja e compre

INSTANTA — a moderna casa de artigos fotográficos na Rua Nova do Almada, 55-57, Lisboa, em cujos laboratórios se executam, com a possível brevidade, máximo cuidado e perfeição, todos os trabalhos de fotografia — revelagens, cópias, ampliações, etc. — e onde presta serviço pessoal especializado em *Leica, Contax, Retina* e *Cine 8m/m*, publica esta foto (negativo do Dr. Durão Ferreira) premiada no concurso que mantém aberto.

TABOT apresenta nesta foto um modêlo de penteado para um certo tipo de rosto. Só um cabeleireiro que reúna à sua competência a sensibilidade de artista, sabe realçar a beleza da mulher com o seu penteado próprio, criando um conjunto de linhas e de côres de contraste harmonioso. E *Tabot* sabe procurar o pentado adequado à expressão de beleza de cada mulher. TABOT, cabeleireiro *visagiste*, Rua do Ouro, 170, Lisboa. Telefone 2 2072.

É bastantes desagradável o efeito que produz uma pele de poros dilatados. E tanto mais, quando êsse estado já não se justifica. — O uso dos magníficos produtos ROSIPÓR, da Academia Científica de Beleza, veio definitivamente dar completa satisfação no tratamento da dilatação dos poros, a ponto de modificar profundamente o mau aspecto da epiderme. *Use os Produtos Rosipor, para fechar os poros da pele.*

M'CAMPOS

HELVETIA — VELOX — GRETA, são os nomes de três marcas de lâminas suíças para barbear. A magnífica qualidade do aço empregado no seu fabrico dá bastante duração a estas lâminas. Vendem-se de diferentes modelos para os diversos tipos de máquinas. Pedidos a Azevedo & Pessi, Lda., Rua Nova do Almada, 46, Lisboa, Telef. P. A. B. X. 2 9879.

Móveis de linhas modernas, muito cómodas,

de construção sólida e apresentação atraente.

FÁBRICA PORTUGAL

Móveis em tubo e chapa de aço, especiais para cada caso.

EQUIPAMENTOS COMPLETOS PARA:

ESCRITÓRIOS
REPARTIÇÕES
SERVIÇOS ESTATÍSTICOS
VESTIÁRIOS
QUARTOS DE DORMIR
CASAS DE BANHO
SALAS
BARS
CERVEJARIAS, Etc., Etc.

ESCRITÓRIOS: Rua Febo Moniz, 2 a 20

SALÕES DE EXPOSIÇÃO E VENDA:

Rua Febo Moniz, 2-20 — Telef. 47.157
Praça dos Restauradores, 49-57 — Telef. 24.948
Avenida da República, 55-D. — Telef. 41.189
Rua da Graça, 82-84 — Telef. 49.109

LISBOA

Assembleia Nacional

Teatro de S. Carlos

Alfândega de Lisboa

Novo edifício da Casa da Moeda

TODOS ÊSTES MAGNÍFICOS EDIFÍCIOS FORAM DECORADOS COM TAPETES DE BEIRIZ, FORNECIDOS POR QUINTÃO

RUA IVENS, 32 · LISBOA

NA OBRA DE RECONSTRUÇÃO NACIONAL REALIZADA PELO EX.^mo SR. ENG.º DUARTE PACHECO, FORAM EMPREGADOS PAVIMENTOS E LAMBRINS "ROBINSON", ENTRE OUTROS, NOS SEGUINTES E IMPORTANTES TRABALHOS:

LISBOA

PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA. PRESIDÊNCIA DO CONSELHO. MINISTÉRIO DAS FINANÇAS. MINISTÉRIO DA JUSTIÇA. MINISTÉRIO DAS OBRAS PÚBLICAS. MUSEU NACIONAL DE ARTE ANTIGA. INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA. ESTÚDIOS DA EMISSORA NACIONAL. CASA DA MOEDA. INSTITUTO SUPERIOR TÉCNICO. ESCOLA DE GUERRA. ESCOLA DE MEDICINA VETERINÁRIA. LICEU CAMÕES. MATERNIDADE ALFREDO DA COSTA. INSTITUTO PORTUGUÊS DE ONCOLOGIA. TEATRO S. CARLOS. TEATRO NACIONAL D. MARIA II

ALFEITE

BASE NAVAL DO ALFEITE. ESCOLA NAVAL.

BARCARENA

EMISSORA NACIONAL

MAFRA

CONVENTO DE MAFRA

COIMBRA

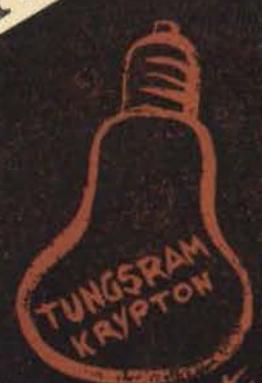
TRIBUNAL DE JUSTIÇA. UNIVERSIDADE DE COIMBRA. FACULDADE DE LETRAS.

PORTALEGRE

LICEU MOUSINHO DA SILVEIRA

SOCIEDADE CORTICEIRA ROBINSON BROS, LDA.

PORTALEGRE

AGENTES: AZEVEDO & PESSI, LDA. – RUA NOVA-DO ALMADA, 46 – TEL. 2 9879 – LISBOA

CASTELO
40 LUXO 25
Fósforos
CASTELO

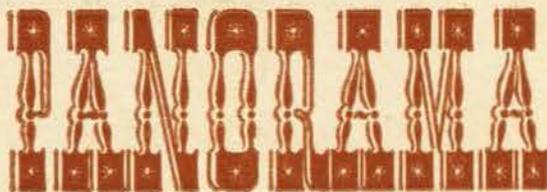
PRIMAZIA

Nos campos da ciência e da técnica e bem assim na premente competição comercial, a posição de «leader», não se consegue fàcilmente nem se mantém sem custo. A PHILIPS conhece bem as obrigações inerentes à função que desempenha. A confiança conquistada no público pela PHILIPS nos seus mais de cinquenta anos consecutivos de trabalho, constitue uma responsabilidade de que justamente se orgulha.

PHILIPS

LÂMPADAS DE ILUMINAÇÃO NORMAIS E ESPECIAIS — LÂMPADAS DE SÓDIO E MERCÚRIO — LÂMPADAS FLUORESCENTES — RECEPTORES E EMISSORES DE T. S. F. — VÁLVULAS DE EMISSÃO E RECEPÇÃO — INSTALAÇÕES AMPLIFICADORAS DE SOM — CINE SONORO — RAIOS X (APARELHAGEM CLÍNICA E INDUSTRIAL) — SOLDADURA ELÉCTRICA: RECTIFICADORES E ELECTRODOS — RECTIFICADORES PARA CARGA DE BATERIAS — FILTROS MAGNÉTICOS PARA ÓLEOS

INTAVA
AEROPORTO
DE LISBOA
COMBUSTÍVEIS,
LUBRIFICANTES E
ESPECIALIDADES
PARA AVIAÇÃO
SOCONY-VACUUM

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
R. DE S. PEDRO DE ALCÂNTARA 45, 1.º - TEL. 2 9311 - LISBOA

Revista Portuguesa de Arte e Turismo

EDIÇÃO DO SECRETARIADO DA PROPAGANDA NACIONAL

NUMERO 19 ★ FEVEREIRO, 1944 ★ VOLUME 4.º

CAPA: D. JOÃO IV, ESTÁTUA DE FRANCISCO FRANCO. — DESENHOS DE: COTTINELLI TELMO E BERNARDO MARQUES. — FOTOGRAFIAS DE: ALVÃO, ARQ.º BALTAZAR DE CASTRO, BELEZA, CARVALHO HENRIQUES, HORÁCIO NOVAES, ENG.º JOSÉ DE ATHAIDE, KHAN, MANFREDO E MÁRIO NOVAES

Condições de assinatura para 6 números: Portugal (Continente, Ilhas Adjacentes e Províncias Ultramarinas), Espanha e Brasil: 45$00 — Estrangeiro: 70$00 — Distribuidor no Brasil: Livros de Portugal, Lda. — Rua do Ouvidor, 106, Rio de Janeiro

Capa e fotolitografias: Litografia de Portugal e Fotogravura Nacional, Lda — Gravuras: Bertrand, Irmãos, Lda e Fotogravura Nacional, Lda
Composição e Impressão: Tipografia da Emprêsa Nacional de Publicidade

PREÇO: 7$50

O ENGENHEIRO
DUARTE PACHECO

«A sua alma continuará a viver na marcha triunfal da sua obra»

ESTOU a vê-lo... Máscara viva, mexida, terra fértil de idéias sempre novas, de construções incessantes, onde cada sorriso era um projecto em flor, onde se sentia um bater de asas em cada bater de cílios... Máscara dinâmica, movida, sem dúvida, mas também de concentração íntima, aguda, sôbre a idéia que lhe nascia no espírito, ou que alguém lhe levava e logo era sua porque a vestia, enriquecia, porque sabia integrá-la imediatamente no seu grande sonho, no seu plano de conjunto, no seu programa de acção. O que foi grande, efectivamente, na vida cinematográfica dêste homem vertiginoso, mais ainda do que a sua obra, foi o seu sonho. Se há ainda alguns homens que fazem e sabem fazer, poucos há que sonhem e saibam sonhar. As suas próprias realizações, que legarão o seu nome aos portugueses de amanhã, não eram mais do que farrapos da sua visão ideal das cousas e das païsagens, exemplos, excertos do seu programa íntimo. Se tais realizações excedem, porém, a nossa medida habitual, os nossos poucos recursos, se nos impõem aos outros e até a nós próprios, é porque não foram concebidas, projectadas a frio, mas sonhadas, imaginadas até ao inverosímil... E as únicas realidades grandes, as únicas que podem vencer o quotidiano, que podem vencer a morte, são as realidades do sonho, **os impossíveis tornados possíveis.**

Poderá, assim, o engenheiro Duarte Pacheco ser rendido nas obras consideradas possíveis, nas obras **viáveis,** mas já me parece mais difícil substituí-lo (pelo menos, de repente) na realização das obras consideradas impossíveis, **inviáveis** pelos homens que se julgam, tantas vezes, práticos, objectivos, sensatos, mas que são apenas vulgares, prosaicos, sem instinto poético, sem capacidade para o sonho. E era esta a grande fôrça do engenheiro Duarte Pacheco, a fôrça criadora da imaginação **que torna viável o inviável,** a fôrça do homem de acção que, possuindo maravilhosas cidades e païsagens interiores, não se resigna a desperdiçar, a deixar morrer, dentro de si próprio, as suas abstracções que êle sabe poder traduzir em concreto, as suas miragens que êle sabe poder transformar em realidades.

Não é difícil fazer grande. O difícil, o impossível, para uma alma pequena, mesquinha, é conceber **grande,** é sonhar **grande**... Rara virtude, alta virtude que só possuem os grandes poetas e os grandes homens de acção.

Homens como o engenheiro Duarte Pacheco não morrem, não podem morrer. A vida dêstes homens é, acima de tudo, a vida da sua obra e do seu sonho. Seria preciso, agora, um terramoto que se estendesse, aliás, a todo o País, para o derrubar, para o matar. Êste próprio movimento de justiça instantânea, diante

da sua morte aparente, prova bem a sua longevidade. Tombado o seu corpo, ainda que só por instantes, imediatamente se ergueram mais altas tôdas as paredes que fêz construir, todos os monumentos que fêz restaurar. E está mais vivo do que nunca, porque o filme da sua obra, sinfonia de imagens triunfais, passa constantemente diante dos nossos olhos. Havemos sempre de encontrá-lo, nós, e os nossos netos, na embocadura daquela rua antigamente tão apertada, nos passeios largos desta avenida que foi aberta no seu tempo, junto daquela igreja que antes dêle estava em ruínas, naquela ponte que nos encurtará o caminho, no jardim onde repousaremos, de quando em quando, na simples fonte que nos dará de beber...

A sua obra, eu sei, não pode considerar-se terminada. Mas o seu sonho estava bastante adiantado, quási completo. Não será talvez possível encontrar alguém que **imagine** mais do que êle imaginou, mas é possível, com certeza, terminar o que êle idealizou, e já será bastante. Tenhamos, pois, confiança no seu sonho que ainda continua vivo; tenhamos, acima de tudo, confiança naquele que deu alento, corda a êsse sonho, tenhamos hoje, como ontem, confiança em Salazar!

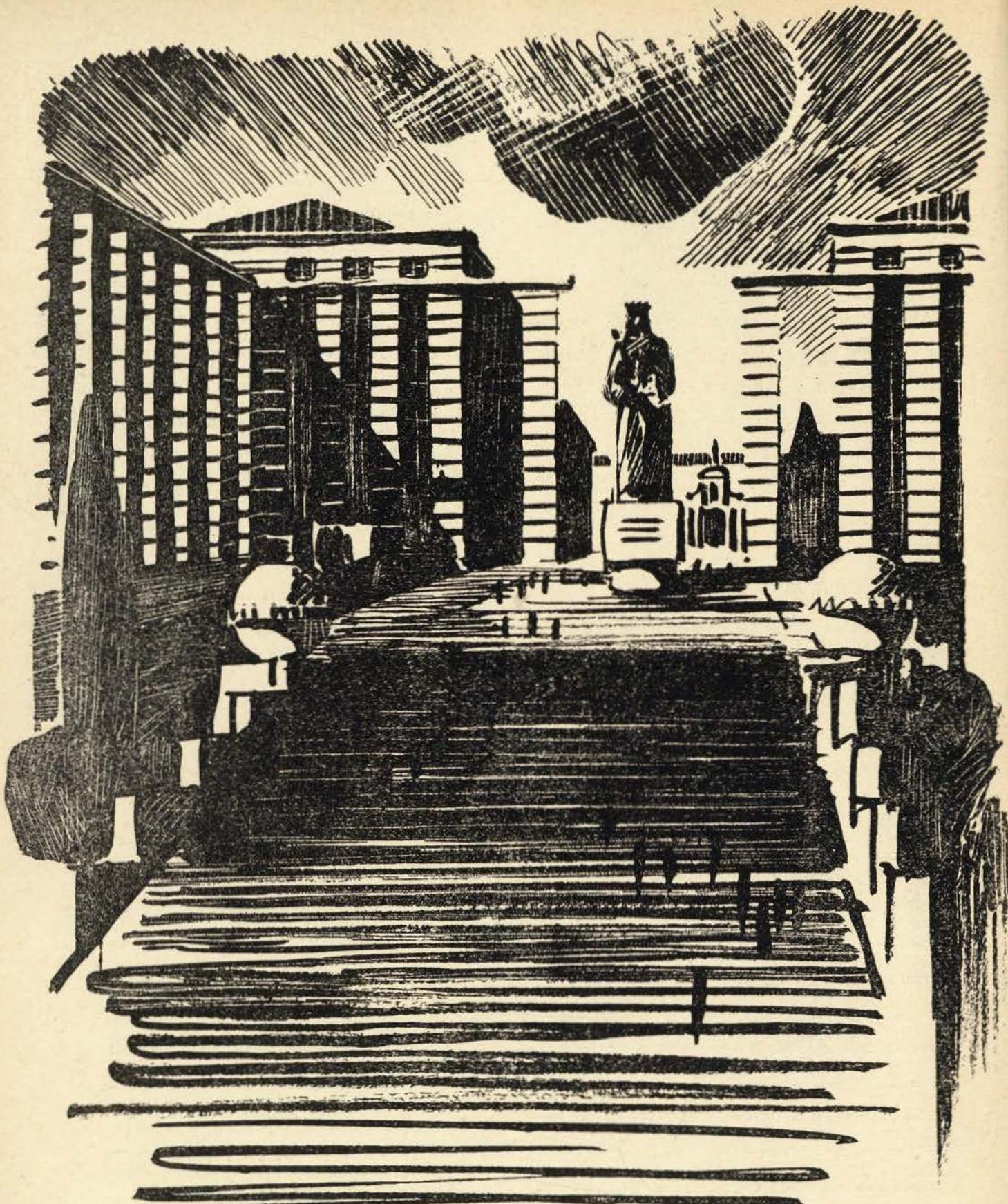
A estrada vertiginosa, coleante, que lhe devia, afinal, a vida, — víbora que acalentou — transmitiu-lhe o veneno da velocidade e julgou assim que o tinha morto.

Mas enganou-se. A fôrça anímica de Duarte Pacheco não se extinguiu, nem se extinguirá tão depressa. A sua alma continuará a viver na sua obra, na marcha triunfal da sua obra. Nós, os que trabalhámos com êle, havemos sempre de ouvir essa alma a aconselhar-nos, a estimular-nos. Mas hão-de também senti-la todos os outros portugueses, na voz da nossa rádio, no vôo sereno, majestoso, dos aviões que aterrarão, todos os dias, no nosso aeroporto, no deslizar fácil dos seus automóveis por essas estradas que tão ingratas foram, na alegria das crianças que brincarão nos pequenos jardins das novas casas económicas, na linha impecável, séria, dos nossos modernos edifícios públicos, nas urbanizações arejadas, claras, das nossas cidades e vilas. E hão-de ouvi-la ainda no canto da água abençoada que regará amanhã os nossos campos sedentos, no clamor da multidão, no estrugir das palmas da próxima inauguração do Estádio Nacional, do grande Estádio da sua alma atlética!...

Os anos passarão e a sua obra continuará, — mina dificilmente esgotável. Há-de continuar a florir, a frutificar, a crescer no desenvolver infatigável dos seus planos, dos seus projectos que não podem nem devem ficar parados só porque eram audaciosos, inverosímeis (êle os realizaria!), no crescimento, por exemplo, das árvores do Parque de Monsanto, que desenhou e traçou, o Parque onde os nossos descendentes, os nossos vindouros, ainda sentirão a sua presença em cada flor, em cada ramo, em cada voz de pássaro...

Não! o engenheiro Duarte Pacheco não morreu, não morrerá! Difícil, até, desejar paz à sua alma! A sua alma continuará a trabalhar, quere continuar a trabalhar! Os seus restos **mortais** são **imortais**, alicerces das obras que idealizou, ou de outras comandadas pelo seu exemplo, pela sua memória!

E assim como certas estrêlas, que já se apagaram, ainda brilham no céu, assim a sua alma continuará a ser, por muitos anos, a grande construtora do Estado Novo, da Pátria ressurgida, do Portugal de Salazar.

ANTÓNIO FERRO

CIDADE UNIVERSITÁRIA. — DESENHO DO ARQUITECTO COTTINELLI TELMO

UM GRANDE
HOMEM
DE ACÇÃO

por

COTTINELLI TELMO

FOTO MARIO NOVAES

O Ministro dá audiência... Do seu gabinete sai apressado um Director Geral, um Engenheiro, o Presidente de uma Câmara, um Arquitecto, não importa quem. Para quem espera, o que importa é que alguém saia, sinal de que se aproxima a sua vez de ser absolvido *ou* condenado *inexoràvelmente.*

Lá dentro os assuntos sucedem-se e são variadíssimos; cá fora apenas se tem a certeza, quando sai mais um, que se travou um combate de idéias e decisões e que quem sai, vem vencido: *vencido na corrida de velocidade do diálogo travado, em que o Ministro o crivou de perguntas, lhe atirou projectos por terra, sugerindo-lhe partidos diferentes, exigindo mais, varando-o com as balas certeiras de uma crítica em rajadas, com relâmpagos nos olhos, um dedo a empurrar — «não é assim?» — vencido até pelo estalar súbito de um aplauso: — «Bom! Muito bom! Bonito! Adiante!...».*

Um homem só para tanta coisa! Vem outro, mais outro... A audiência do último estava marcada para as seis, mas são dez para as oito e só agora é introduzido. Espera-o um sorriso: sorriso natural, umas vezes — sorriso «preparado», outras. Êste «preparado» não quere dizer «falso»: é o sorriso preciso para que quem entra se sinta à vontade e esqueça o que esperou; sorriso, sabe Deus com que sacrifício, que quere dizer: — «Vamos tratar disto com gôsto! Eu, por mim, estou folgado!» E não está! O sorriso não esconde um ar de cansaço nítido. Num salto brusco de um assunto para outro completamente diferente, o Ministro ataca o novo como se dêle tivesse estado a tratar há umas horas. Não precisa de fazer um esfôrço grande para esquecer por completo a conversa anterior; para fechar à chave, no seu cérebro, as inquietações, dúvidas ou idéias novas que podiam embaciá-lo, embotá-lo: está pronto a abordar o novo assunto!

Raramente recorre ao bloco das notas, um bloco sem nada de especial, um bloco barato onde rabisca a azul ou a vermelho umas notas simples. A memória dêle é sempre melhor que a dos outros! — «Não senhor: a redução que eu disse para fazer foi de oitocentos contos!» E está certo! o prazo limite para a conclusão de um trabalho qualquer está apontado no bloco, mas só recorre a êle quando o outro duvida: — «Vê? Eu não lhe disse? 30 de Março!» (Ninguém brinca com êle!).

Ouve a exposição atentamente, umas vezes com os olhos nos olhos, outras fitando a secretária — e não lhe escapam os disfarces, as habilidades de que o outro se possa servir para tirar a gravidade ao que é grave, para se desculpar daquilo que não tem desculpa: a expressão do Ministro não mudou, mas nós sentimos, no momento próprio, na passagem difícil — o meio da corda bamba — que uma mola se desprendeu lá dentro, no seu cérebro a que nada escapa — e um ponteiro registou: — falta! (Logo teremos que o ouvir!). E embora cansado, exausto, (— «Já disse tudo?») a crítica vem, tremenda, tão lúcida como se se tivesse preparado para começar alegremente, com frescura, como sempre, o seu dia de trabalho!

E o tempo passa... Disfarçadamente olhamos para o relógio... — «Senhor Ministro: São onze menos vinte... Ainda não jantámos...» *— «Oh, com a bréca! Porque não disse? E eu tenho ainda que ir à Câmara, esta noite! Vá-se embora! Adeus!»*

Aquêles assuntos morreram: outros nasceram no seu espírito! Diabo! 11 menos vinte e devia estar na Câmara às dez!... O carro leva-o: o carro prêto, grande, bem polido, com aquêle bramido metálico, curto, «a voz do carro do Ministro», que se ouve a qualquer hora do dia ou da noite. Ouvir-se-á logo, na volta para o Rato, pelas 2, pelas 3 e meia da manhã, de volta da Câmara, de Belém, de qualquer das sedes das Comissões onde foi e pôs tudo em alvorôço, agitando idéias, condenando ou aplaudindo, uma palmadinha nas costas, um sorriso, o tal sorriso preciso do Chefe! Um sorriso às três horas da manhã!? Como se isto fôsse possível em qualquer pessoa! Os outros, extenuados, com o seu único pro-

blema; êle, reagindo heròicamente ao cansaço de corpo e de espírito, com a preocupação conjunta dos problemas de todos os seus colaboradores!...

Logo de manhã cedo o veremos, talvez rodando pela auto-estrada, talvez subindo e descendo andaimes na Ponte de Alcântara, com o séquito atrás, todos esfalfados menos êle; reparando em tudo, «debicando» em tudo ou entusiasmando todos com o exemplo da sua alegria pela Obra a realizar.

¿O BD-10-42 estará daí a horas em Coimbra, no ambiente da Cidade Universitária? No Norte, no Sul? Em que lugar? Em que obra? Está na Estrada Marginal, abandonado!... O Ministro passeia, olha para o Rio, sonhando qualquer coisa que no último sábado à noite foi levantada em conversa com o Doutor Salazar... Mas os olhos do Sonhador de Grandes Coisas voltam-se para o muro particular que é preciso compor; para o fundo de verdura que é preciso conservar; para a curva da estrada que ficou bem desenvolvida ou que êle hoje teria levemente modificado... Pensa nas grandes e nas pequenas coisas; no que é oficial *e no que é* particular, *sabendo impor-se tão bem à Câmara de tal, como ao proprietário daquele casinhoto de mau gôsto que lhe estraga a paisagem. Para uns, despachos, decretos; para outros... às vezes um toque amigável nas costas tem o valor de um decreto! — «Senhor Ministro... dão-me só 60 contos pela expropriação...». — «Isso que tem? Você é rico: que falta lhe fazem os 60 ou os 100 que o senhor quere?» E o outro resolve: «Leve lá o terreno e não se importe com o dinheiro: a gente não encontra outro que faça o que o Senhor tem feito!...» (Verídico). A comitiva sorri, todos sorriem! Um sorriso fêz desabrochar uma rosa de generosidade e...* a roseira tem menos um espinho!... — *«Adiante!».*

Êste estribilho do «adiante» é moeda corrente: é a travagem brusca de um curso de idéias, para que o cérebro se encaminhe numa nova direcção. Viver em labaredas de acção, de comando: eis o seu estado normal; eis a «doença» que para êle representa a saúde. — «Adiante!»

«Adiante» quere dizer que anda agora, com o engenheiro Amorim, a visitar o novo jardim da Câmara, a rodeá-lo, a remirá-lo por todos os lados, no seu passo elástico e vivo, sem parar senão para apontar e dizer: — «Ali... precisa de mais arbustos, não é assim? Aquilo está pobre, não lhe parece? Bonito, bonito! O resto, muito bonito!...». Um olhar de satisfação para o colaborador, um gesto com os braços em abrir de leque, remate da crítica e símbolo de raiar de aurora — da aurora que raiava sempre no seu espírito quando via o progresso da Obra Nacional, obra serena e encobertamente discutida com o Doutor Salazar, nos tais sábados à noite. — «Adiante, não é assim?».

No atelier *do escultor, disfarçando a sua impaciência — porque os artistas não são para pressas e têm uma sensibilidade muito afinada... ou muito desafina-*

da! — ; em conferências com engenheiros, uma hora depois; numa saltada a um recanto da Cidade onde sonha uma obra de urbanização, está sempre em tôda a parte, acordando os vagarosos, incendiando os activos, lançando o pânico nos atrasados, coroando de louros os colaboradores triunfantes.

¿Mas como foi isto? Se ainda há pouco o vimos por cá, como é possível que ande agora pisando entulhos com o Baltasar de Castro — êsse seu incomparável amigo — isto a umas dezenas de quilómetros de Lisboa, no castelo em restauração? O grande carro prêto veio por montes e vales até onde pôde vir e o Ministro andará a pé a distância precisa, sem um desfalecimento e — diga-se a verdade! — sem a menor preocupação pela fadiga dos outros! E fazia bem! O assunto que resolveu nesse mesmo dia... teria levado muitos a resolver!

E há tanta coisa por que olhar!... Ainda há bocado, na obra visitada, êle implicou com o fecho da porta, com as chaves que ainda não trouxeram, com o cimento armado (— «aquela maldita viga!»), com a côr do mosaico, tudo isto sem parar, atravessando corredores, subindo e descendo escadas, sem dar ouvidos a explicações inúteis, consultando o relógio, fazendo um aceno de mão simpático ao pedreiro velhote que lhe tirou o chapéu...

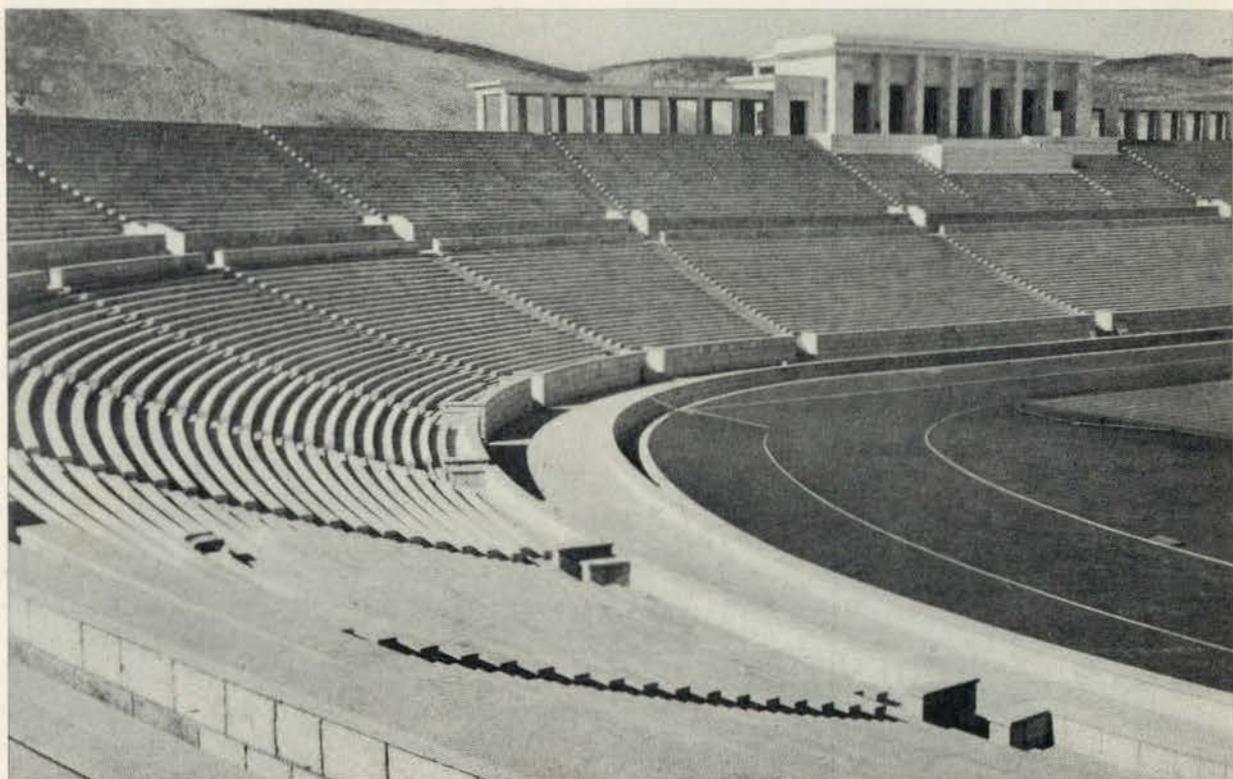
A tarde está calma. O Sol escondeu-se, mas há sol no alto das tôrres. O Ministro sente-se com direito a um descanso... Enternece-se com a paisagem, mostra-se «português», carinhoso, poeta, feliz... mas não dispensa o comentário vivo e súbito a propósito de uma coisa que estragaram, «uma estupidez» a que não pôde pôr côbro ou de que não teve conhecimento a tempo: o gesto é de quem atira para trás, com um sacão, o obstáculo impertinente; a expressão é de cólera contida, dentes cerrados, a remoer a praga que lhe apetece dizer e não diz — e tudo acaba com uma explosão sem palavras, um sôpro de desdém, olhando para os lados a ver o efeito naqueles que o acompanham, preparado para se zangar mais ainda se não encontra apoio para a razão que sente assistir-lhe às carradas, ou à espera de ver os colaboradores fiéis, num acôrdo e decisão unânimes, meterem ombros à «monstruosidade» e derrubarem-na mentalmente! E o incidente fecha com um lampejo de cólera nos olhos: — «Porcaria!».

Voltamos de automóvel. Respira-se um pouco. Cada um de nós divaga descansando os olhos na paisagem nocturna. No que nós pensamos não interessa: Êle, pensa nas obras; pensa sobretudo no dia seguinte, na faina que recomeçará sempre, com o mesmo ritmo alucinante, a mesma inquietação permanente, sem um desfalecimento físico ou moral de que os outros se apercebam: às tantas isto, às tantas aquilo, tudo em cadeia sem fim, tudo com a potência e regularidade da máquina — martelo-pilão esmagando dificuldades, avião da carreira do Sonho riscando o céu em fulgurante trajectória!...

— «Adiante! Adiante! Não é assim?...».

FOTOS BALTAZAR DE CASTRO E JOSÉ DE ATHAIDE

A Gare do Aeropôrto, na Portela de Sacavém. Arquitectura de Keil do Amaral.
— Um trecho do Estádio Nacional. Colaboração arquitectónica de Miguel Jacobetty

FOTOS HORACIO NOVAES

O MINISTRO TINHA UM IDEAL E SABIA COMUNICÁ-LO AOS ARTISTAS, SEUS COLABORADORES

Baixo-Relêvo de Barata Feyo, para o edifício do Aeroporto

O Senhor Engenheiro Duarte Pacheco sabia muito bem que a realização da grande Obra se não podia fazer apenas com técnicos, mas com técnicos e artistas. Essa atitude de chamar a si arquitectos, escultores, pintores e decoradores foi afinal a única que um homem da sua categoria mental podia ter tomado! Por isso, se os artistas que com êle colaboraram, de coração aberto, lhe devem estar gratos, é apenas porque, chamando-os, êle quis e soube entornar sôbre êles entusiasmo, gôsto pelo trabalho e pela vida, amizade, carinho e *compreensão!*

Assim se explica que tenha sido possível fazer-se, entre outros milagres, o da Exposição do Mundo Português e que, por todo o País, se ergam hoje obras de arte e utilidade de tôda a natureza que representam um momento inegualado na nossa História.

O Ministro conhecia os «conhecidos» como ninguém e *adivinhava* os «desconhecidos» depois de uma primeira meia hora de conversa.

Às vezes, num momento de desabafo, nessas ocasiões em que se lastimava de não poder dispor de mais colaboradores, se lhe preguntavam: — «Mas Fulano? E Cicrano?» êle percorria mentalmente a lista dos que o serviam e marcava-os instantâneamente com o carimbo de duas ou três palavras, mais nada:

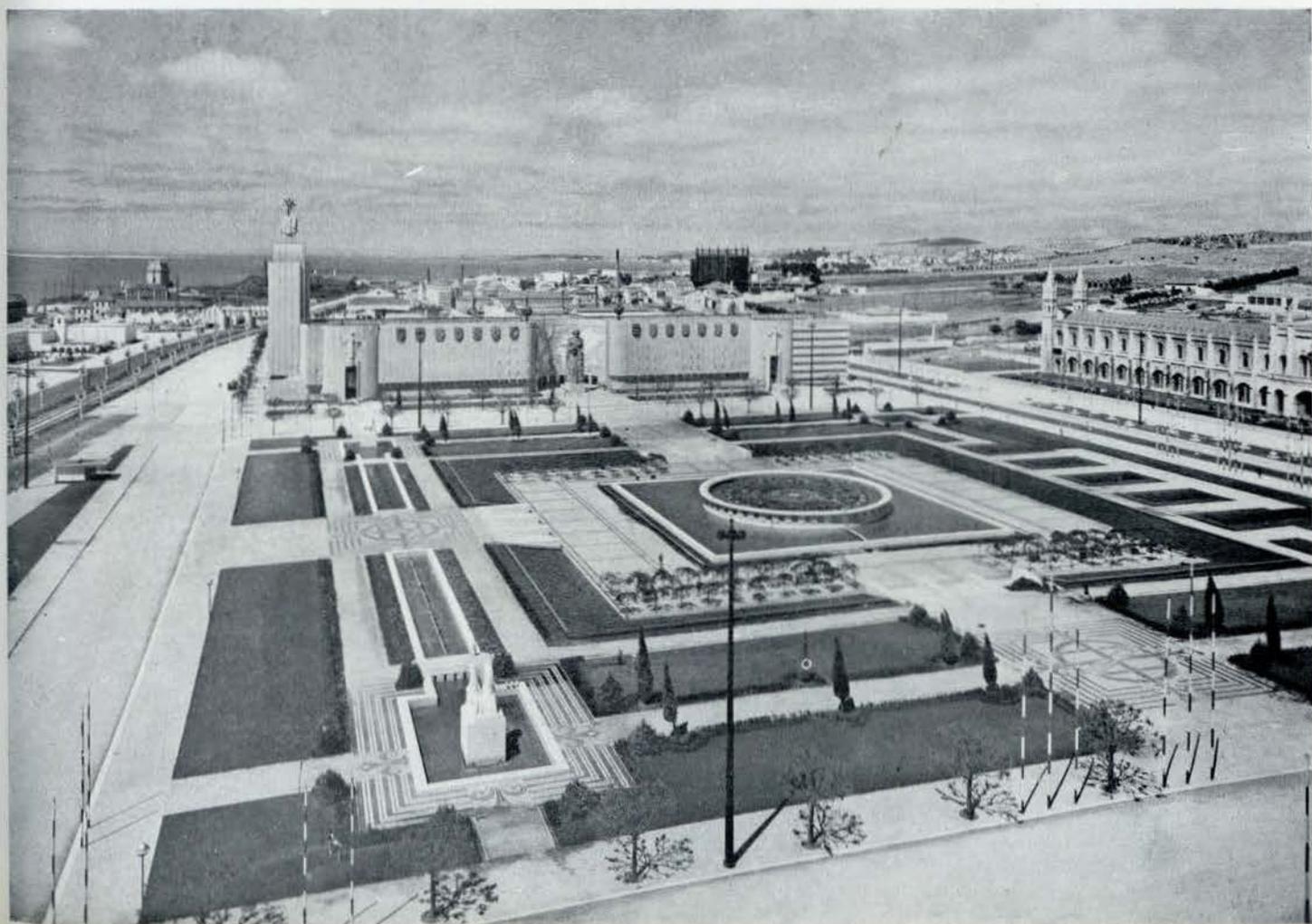
— «Fulano? Inteligente... Falta-lhe inspiração...»

— «Cicrano? Um valor! Indolente...»

— «Beltrano? Muito artista! Muito culto!...» — e se estava de maré, completava notàvelmente o retrato dos focados, apontando-lhes as qualidades e os defeitos, limitando o seu campo de préstimo, em frases curtas e sêcas — «bom para isto, mau para aquilo» — quando não liquidava algum, cruamente, mas decerto com razão: — «Fulano? Não existe!...» Quanto aos «desconhecidos» que chamava, ou se lhe apresentavam, deixava-os falar, oferecia-lhes grandes tapêtes por onde se pudessem espojar em considerações ôcas ou profundas, em devaneios provei-

Painel de um dos dois trípticos que decoram a escadaria nobre da Assembleia Nacional. — Pintura de Martins Barata

FOTO DE CARVALHO HENRIQUES

A Praça do Império, uma das maiores da Europa, fulcro da Exposição do Mundo Português, foi imaginada pelo Ministro e traçada pelo Arquitecto Cottinelli Telmo. — Em cima: um pormenor da mesma Praça, com escultura ornamental de António Duarte

Edifício dos Correios e Telégrafos de Loulé — terra natal do Engenheiro Duarte Pacheco. Projecto do Arquitecto Adelino Nunes.

tosos ou desnecessários — e sorria-lhes simplesmente, sorriso que algumas vezes queria dizer, lá do fundo donde vinha: — «É mais um com quem posso contar!» — ou então retomava o trabalho, com o ar duro de quem perdeu as esperanças, esquecido completamente da pessoa que por ali passara e que *arrumava*, dizendo: — «Não vale nada!...»

E assim formou uma côrte de colaboradores onde os artistas constituíam um sector especial, muito da sua estima: acolhimentos de mão apertada e levada ao coração; subtilezas diplomáticas *para não desconsolar*, se «*o rapaz*» era susceptível; críticas cerradas e veementes, se encontrava *homem* para quem os seus ataques eram um incentivo e a luz se fazia, com a discussão; rodeios de alta estratégia para virar tudo do avêsso, para encaminhar os teimosos para onde queria, para obter o máximo rendimento de todos.

O Ministro entrou no «atelier», puxou de um cigarro, bateu-o na caixa de cartão e, num relance, viu tudo: a ordem — ou a desordem — ; a organização ou a desorganização; a actividade, o método; os processos de trabalho...

O arquitecto põe a «maquette» a jeito, para que êle a examine; — o escultor tira os panos molhados que cobrem o trabalho; — o pintor desloca o cavalete para que a luz incida na tela como deseja...

— «Está pronto? está pronto?»

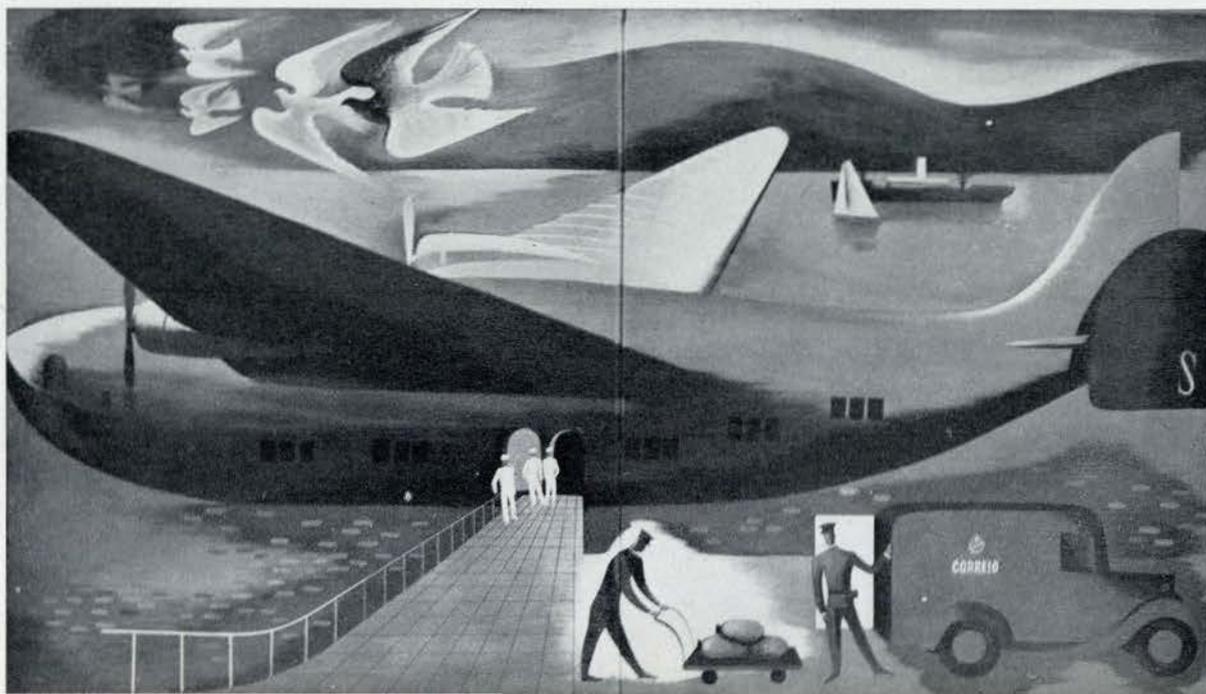
Acompanhado sempre por colaboradores, que com êle partirão dali para outro lado, o Ministro tira umas fumaças e aproveita aquêle meio-tempo para ir tratando de outros assuntos...

Os desenhos do projecto estão em ordem, a «maquette» está à vista... O arquitecto prepara a sua justificação, quere preambular...

Frescos de Estrêla Faria, nos Correios e Telégrafos de Setúbal

FOTOS MARIO NOVAES

— «Não diga nada! Deixe ver...» — e faz a análise silenciosa dos desenhos, análise silenciosa da «maquette» do monumento, do edifício, do plano de urbanização... Os autores gostam sempre de uma explicação prévia; de apresentarem as razões porque seguiram êste ou aquêle caminho; de mostrarem que também pensaram nisto ou naquilo — mas o Ministro — «deixe ver...

Painéis de Maria Keil do Amaral, nos Correios e Telégrafos do Funchal

OS JARDINS DE LISBOA EVOCAM A FIGURA DO ENG.º JORGE GOMES DE AMORIM, UM DOS GRANDES COLABORADORES DO MINISTRO

Escultura decorativa de Canto da Maya, num arranjo de jardinagem do Engenheiro Gomes de Amorim e do Arquitecto Keil do Amaral

espere...» — suspende-lhes a palavra com um gesto; puxa uma fumaça para estimular a acuïdade crítica; morde os beiços e cerra os olhos, concentrando-se... e o juízo sai, no fim de uns instantes, juízo que êle, aliás, tinha feito *desde o primeiro golpe de vista!* Endireita-se, pousa a mão no ombro do artista: — «Muito bom! Perfeito!» — O autor do trabalho quere, apesar de tudo, pôr restrições; quere lealmente chamar a atenção para certo pormenor que não reputa feliz ou acha digno de maior estudo: o mesmo gesto que o impediu de se defender, impede-o agora de se atacar a si próprio.

— «Não tem razão! Está feliz! Está bem! É isto mesmo que eu sonhava!...» E aponta, uma a uma, as razões da sua apreciação, sempre de mão pousada no ombro do artista, manifestação de carinho, familiaridade que revela a sua satisfação pelo passo dado, por mais aquêle passo a caminho da meta.

Mas isto nem sempre se passa assim, é claro. Em geral o Ministro tem qualquer coisa a dizer; muitas vezes tem mesmo muitas coisas a dizer — tantas que são o suficiente para deitar todo o trabalho feito por terra!

Olhou, remoeu, mastigou, pediu «o programa», interrogou: — «Isto aqui o que é?» A lapiseira em que faz tanto gôsto saíu-lhe da algibeira; com a fita métrica de aço tomou medidas; considera; pede mais elementos, mais explicações e, no fim, o lápis traça um ponto de interrogação nervoso, sinal em que a parte de cima não é quási nada, mas em que o ponto inferior, picado no papel, tem o pêso de uma condenação, a condenação do projecto no seu ponto fraco — o calcanhar de Aquiles. E em geral... tem razão! É uma coisa de nada, muitas vezes, mas é realmente um ponto fraco!

FOTO MANFREDO

Quatro recantos de jardins-modelos, na 1.ª Exposição de Floricultura da C. M. L., realizados por Keil do Amaral e Gomes de Amorim. – Cerâmica policromada de Jorge Barradas, na mesma Exposição

FOTOS MÁRIO NOVAES

Keil do Amaral: Arranjo de uma zona do Parque de Monsanto, com teatro ao ar livre (para 8.000 pessoas), padrão comemorativo e miradoiros. (Ante-projecto). — Dois motivos arquitectónicos do mesmo artista, realizados no referido Parque.

Êsses seus pontos de interrogação, inconfundíveis, encontramo-los ainda hoje em vários desenhos nossos e por tôda a parte, em desenhos de outros. São saüdades que nos deixou, são provas de afecto que sobrevivem, porque êsses rabiscos, quando olhamos para êles, parece que foram acabados de fazer à nossa vista; lembram a mão que nervosamente os traçou, a mesma mão amiga que pousava no nosso ombro incitando-nos a continuar, a fazer mais e melhor, e que nos entusiasmava, quanto mais não fôsse, porque estavamos ajudando um Homem que tinha um ideal e que no-lo sabia comunicar.

Estudo da estátua de Antero de Quental, do escultor Barata Feyo, para o Jardim de Guerra Junqueiro (Estrêla)

Outras vezes ia mais longe: tudo estava bem, no projecto: as dimensões das salas, o seu encadeamento, as proporções gerais do conjunto; mas o Ministro vem com a sugestão de um «partido» diferente; uma idéia onde há um outro sentido de grandeza; uma visão mais rasgada, mais larga! Isto agrava o orçamento em que nos tínhamos confinado, mas é êle quem manda e, se podemos ir mais longe, vamos mais longe, para bem da grandeza da Obra e para satisfação da ambição justificável dos artistas, que são sonhadores por natureza, que gostam de olhar para longe e para o alto, como êle gostava também.

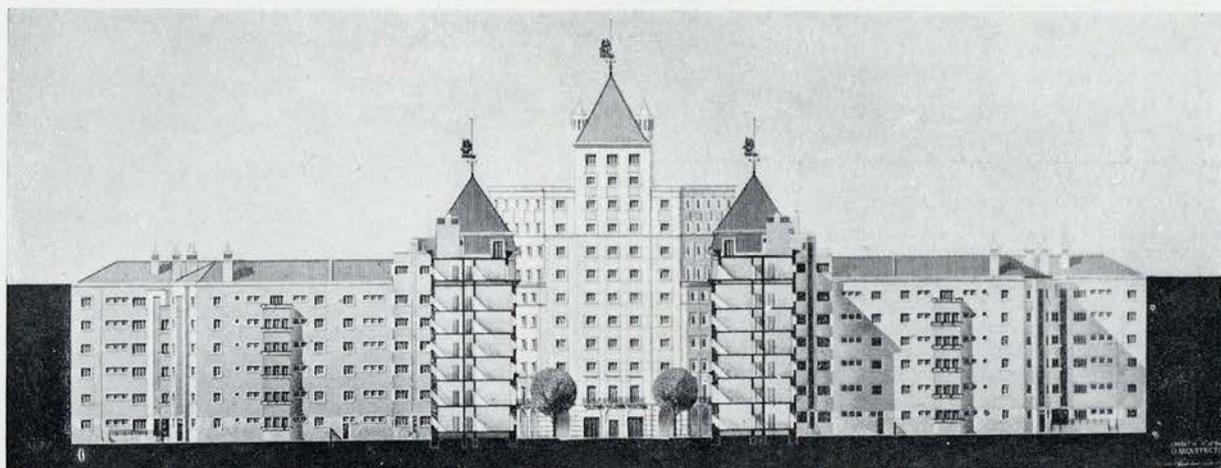
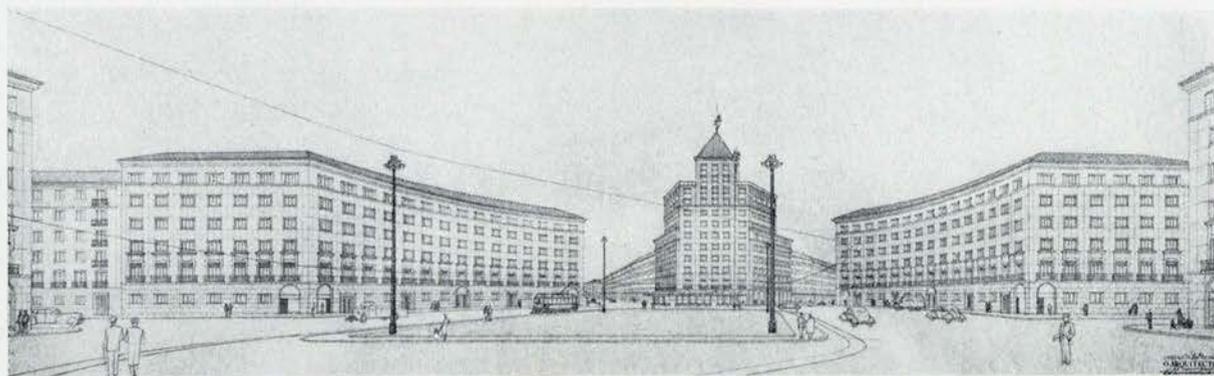
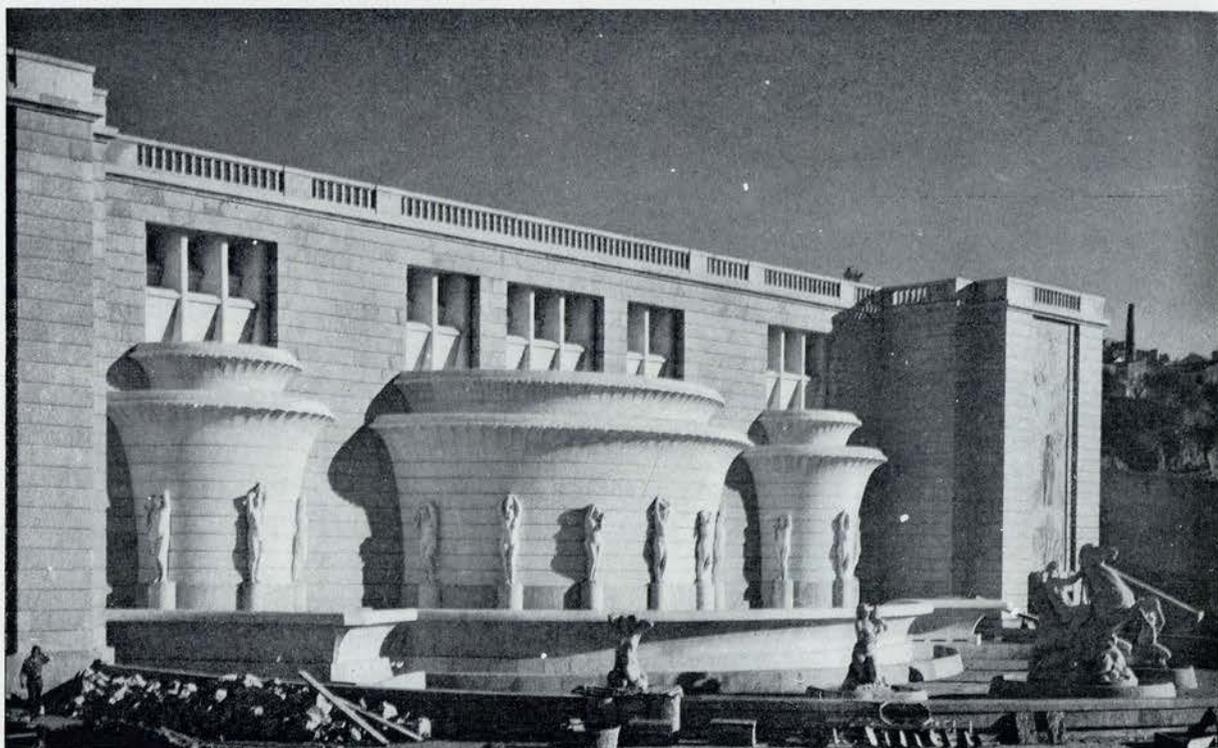
A sua convivência com arquitectos fizera dêle um arquitecto; o trato freqüente com os artistas, em geral, estimulara-lhe a sensibilidade que já possuía. Por isso as suas críticas eram escutadas por nós com atenção, com a atenção que merecem as críticas que têm por trás um conhecimento de causa a prestigiá-las e não são um mero — «gosto!» — ou — «não gosto!» — ditos pelo primeiro recém-vindo.

Uma crítica desfavorável do Ministro era uma garantia da sinceridade com que outras vezes nos dizia — «muito bom! perfeito!...» e quando se lhe apresentava um trabalho era um motivo de

Panorâmica do Instituto Superior Técnico. — Arquitectura de Pardal Monteiro

prazer — um dia de festa! Em geral um Ministro é uma pessoa a quem dificilmente se chega: êle vinha até nós, dando-nos a consolação de ouvirmos directamente da sua bôca as apreciações que vêm habitualmente pelos atalhos normais da Burocracia, através de um «homologo» frio a um parecer de um Conselho...

Êsse Homem iluminado, possuïdor de uma imaginação exaltada; de uma actividade sobrenatural; de uma rara predisposição para vencer obstáculos; de uma visão tão clara e profunda para resolver os problemas de ordem geral como para reparar nos pormenores mais ínfimos — vinha alargando cada vez mais a sua esfera de acção, tomando as rédeas dos vários cavalos desenfreados que pelo País fora deviam puxar em conjunto o carro das Obras Públicas e Comunicações. Pontes e estradas, edifícios, jardins, as esculturas para êsses jardins, as pinturas para êsses edifícios, o mobiliário, as luzes, de tudo se ocupava, tudo lhe estava passando pelos olhos, nada lhe era indiferente. Bom ou mau juíz, mas juíz único, só assim poderia contar com *a unidade* indispensável a uma obra de conjunto!

E não findava aí a sua missão...

Praça do Areeiro. Projecto do Arq. Cristino da Silva. — Fonte Monumental. Arquitectura de Rebelo de Andrade, esculturas de Diogo de Macedo, Maximiano Alves e baixos-relevos de Jorge Barradas

Estátua da «Soberania». — Exposição do Mundo Português. — Escultura de Leopoldo de Almeida

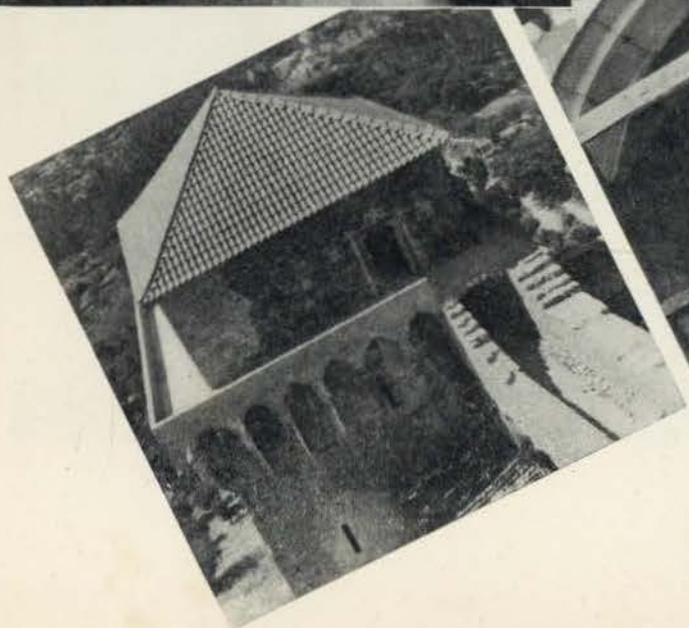
Em certas solenidades oficiais, o Ministro era o primeiro a aparecer, muito antes da hora marcada. Vinha com os fiéis acólitos das «grandes ocasiões»: vinha deitar uma vista de olhos pela *encenação!...*

É que êle sabia muito bem — e o Doutor Salazar já lhe teria prèviamente manifestado as suas apreensões — que todos prevêem tudo... mas no fim faltam flores, bandeiras, o estrado onde o orador discursa não foi varrido, a adriça da bandeira não funciona — e muitas dessas «pequenas coisas» estragam tudo, dão às solenidades um ar caseiro que nem o hino mais empolgante, tocado pela melhor banda militar, nem a presença prestigiante do grupo das grandes figuras oficiais conseguem disfarçar.

O Ministro, dando muito ao braço, mal permitindo que os outros o acompanhem no seu andar rápido, distribui ordens, aconselha-se, lembra coisas, manda emissários e, por fim, à última hora, gastos os últimos cartuchos, verificado que certo emissário não volta a tempo, que certa experiência tentada não dá resultado, manda tocar «a cessar fogo», puxa do relógio, guarda o relógio, classifica aquilo com um significativo encolher de ombros e, voltando-se para os amigos que de bom grado e desinteressadamente o acompanhavam sempre nestas coisas, com um inclinar de cabeça para falar mais perto dos ouvidos dêles, um gesto no espaço de quem tapa o conjunto com atenuantes, rematava irónico e optimista:

— «Isto, no fim — não é assim? — escapa!...»

Mais tarde, em plena festa, em pleno discurso, a distância, o Ministro trocava olhares entendidos com os seus «voluntários», como que a dizer-lhes de lá — do grupo das entidades oficiais onde retomara o seu pôsto — que aquilo afinal não estava mau de todo!... E depois, acabada a festa, voltava a juntar-se com êles, de passagem, para saborear a vitória da sua intervenção a tempo, para classificar... *desfavoràvelmente* aquêles senhores que «não sabem como estas coisas

Ao Engenheiro Duarte Pacheco ficou o País a dever o impulso e a super-visão da obra grandiosa dos restauros dos Monumentos Nacionais, dirigida pelo Arquitecto Baltazar de Castro

Castelo de S. Jorge. — Jerónimos. — Claustros de Alcobaça. — Castelo de Ourém

O novo edifício da Casa da Moeda, do Arq.° Jorge Segurado, cujos interiores estão a ser decorados com frescos de Henrique Franco. No exterior, um baixo-relêvo de Francisco Franco — aqui reproduzido

FOTOS HORACIO NOVAES

se fazem»... E lá retomava o lugar junto dos seus colegas, lá ia receber os cumprimentos do fecho, dar apertos de mão e dizer um ou outro «adeusinho» familiar para um amigo fiel que está entalado na multidão, tudo com um sorriso cintilante; o sorriso sem o qual as actualidades cinematográficas não teriam interêsse; o sorriso para fechar com chave de ouro; o sorriso que dá à multidão êste «brinde individual»: — «Lá vi o Ministro das Obras Públicas: tirei-lhe uma chapelada e êle riu-se para mim!»

Quem o acompanhasse veria que, ao cair pesadamente no assento do carro, no mesmo instante, o sorriso lhe desaparecia e na expressão dura, sùbitamente tomada, estava a preocupação de certo orçamento que tinha excedido a previsão...

No dia do seu entêrro, alguns dos seus colaboradores e amigos procuraram tirar o ar de vulgaridade à câmara ardente onde o seu corpo descansava... Faltava «O Grande Encenador!»... Faltava aquêle que teria movimentado tôda a gente e resolvido tôdas as dificuldades para dar imponência ao acto!... Nessa última colaboração era ainda êle quem os comandava...

Braços cruzados, meio anestesiado, por me não querer convencer que o Ministro tenha morrido, penso que êle nos está ainda criticando... Dirijo-lhe a palavra:

— «Senhor Ministro... Fizemos o que pudemos!...»

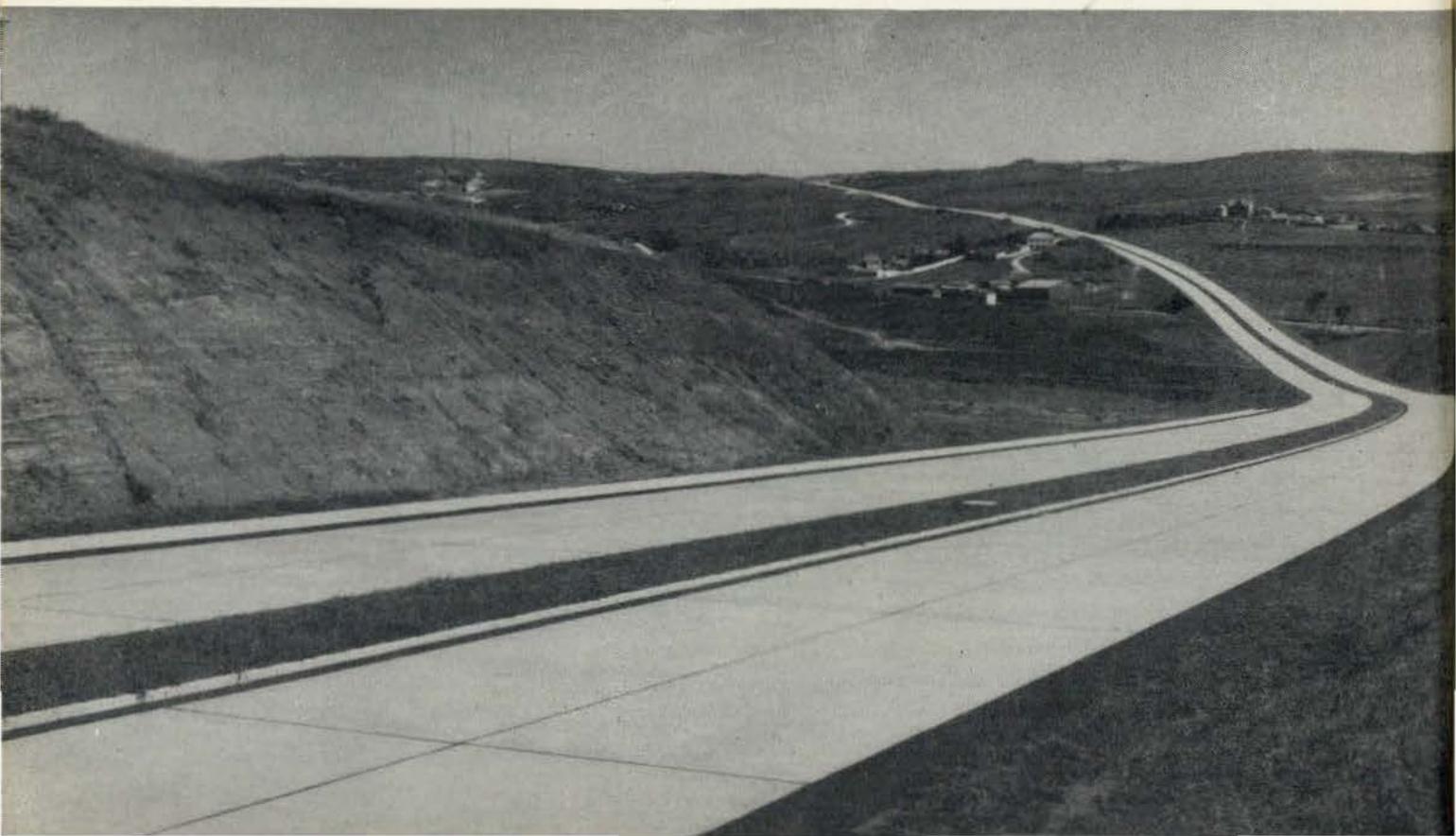
A resposta chega-me aos ouvidos — através do arrastar de pés das pessoas que vêm, cheias de espanto e comoção, para a última audiência — resposta pausada, em tom paternal, voz sumida de cansaço, olhos velados de gratidão, procurando a custo sorrir:

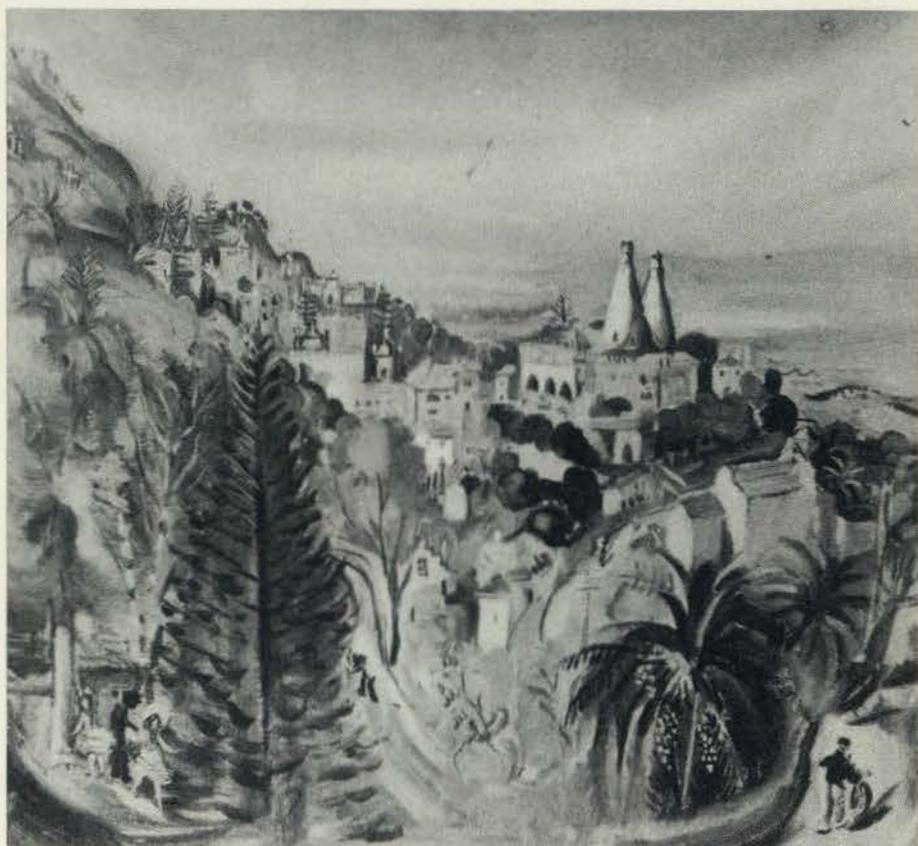
— «Não está mal, não senhor... Estas coisas, no fim — não é assim? — escapam...!»

COTTINELLI TELMO

Projecto de Adelino Nunes para as Centrais Eléctricas e Telefónicas de Lisboa

A Pousada de Santo António, no Serém (Arquitecto Rogério de Azevedo) e um trecho da Auto-Estrada.
Dois vivos documentos da acção do Engenheiro Duarte Pacheco para o incremento do turismo nacional

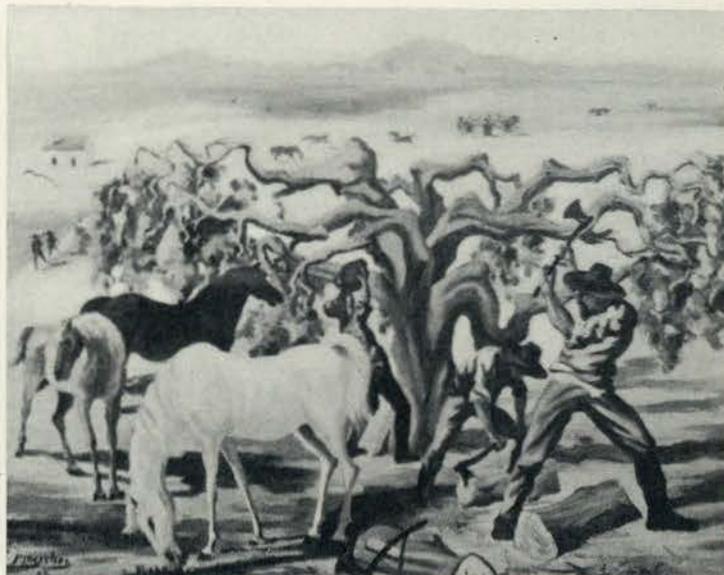
FOTOS DE MÁRIO NOVAES E HORÁCIO NOVAES

8.ª EXPOSIÇÃO DE ARTE MODERNA NO S. P. N.

DIGA-SE mais uma vez, e talvez pela última, que a fase polémica do *modernismo* já lá vai. A designação mantém-se, mas apenas por hábito e comodidade. Já não passa pela cabeça de nenhum artista, em parte nenhuma do mundo, a idéia estapafúrdia de «espantar o burguês», como era costume dizer-se nos tumultuários tempos da propaganda. Nem valeria a pena. Hoje, quem pinta, desenha ou esculpe com os meios de expressão mergulhados na corrente estética dominante, é porque tem a sensibilidade moldada, ou melhor: fundida nesse gôsto. Os que fazem batota, já se sabe,

Os três artistas premiados êste ano: Frederico George («Pintura») *Prémio Columbano.* — Martins Correia («Camponesa») *Prémio Manuel Pereira.* — Mily Possoz («Sintra») *Prémio Sousa Cardoso.*

Lino António: «Raparigas». — Carlos Botelho: «Manhã em Lisboa».

é porque não são artistas. Logo, nem servem para dar razão aos desconfiados, visto que não contam para o caso.
Os precursores é que foram heróicos, mesmo quando investiram contra moinhos: — Voltaram as costas à crítica, desprezaram a popularidade, as encomendas e as comendas. Enfrentaram chufas, incompreensões, fomes. Foi uma nobre aventura, quixotesca e fecunda. Das fôrças vivas, externas, só uma os amparou e lhes deu algum estímulo: o «snobismo». Mas depois das reacções abriram-se os laboratórios. A necessária, a decisiva experiência estava feita, com o maior de todos os ensinamentos, à vista de tôda a gente. Este: que a Arte não é habilidade, mas vocação. Não é um lago, mas um rio. Coisa inquieta, insa-

Cícero Dias: «Janela». — Mart Huguenin: «Filho de pescador».

Simone Maia Loureiro: «Annette». — João Manuel Navarro Hogan: «Natureza morta».

Stephen Gishford: «Largo do Carmo». — Henrique Mingachos: «Faina no campo». — Ofélia Marques: «Luísa». — Eduardo Viana: «Guitarra minhota». — Euclides Vaz: «Auto-retrato». — Paulo Ferreira: «Provincianas» — Cândido Costa Pinto: «Aurora hiante».

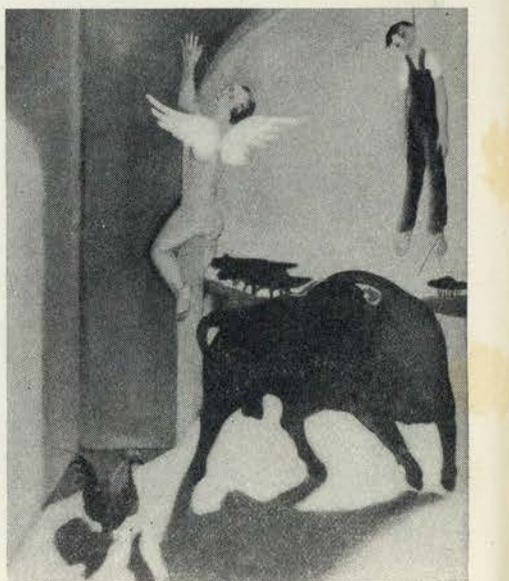
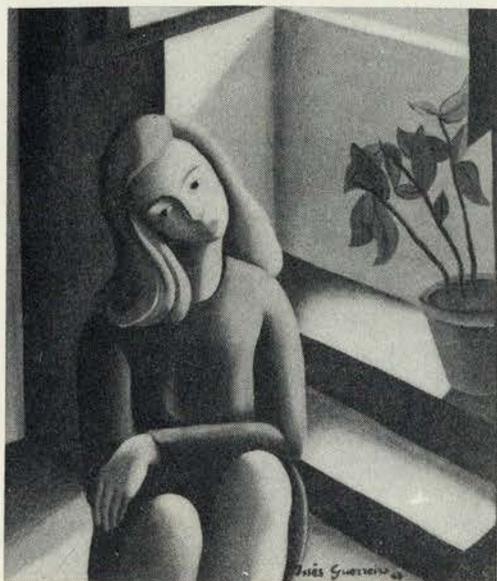
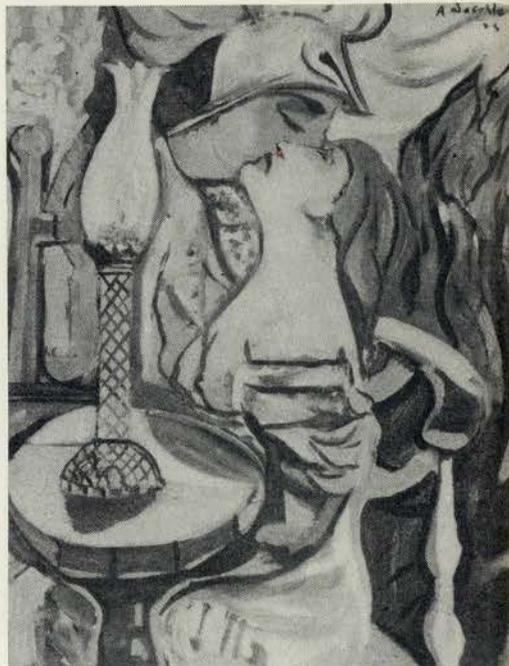
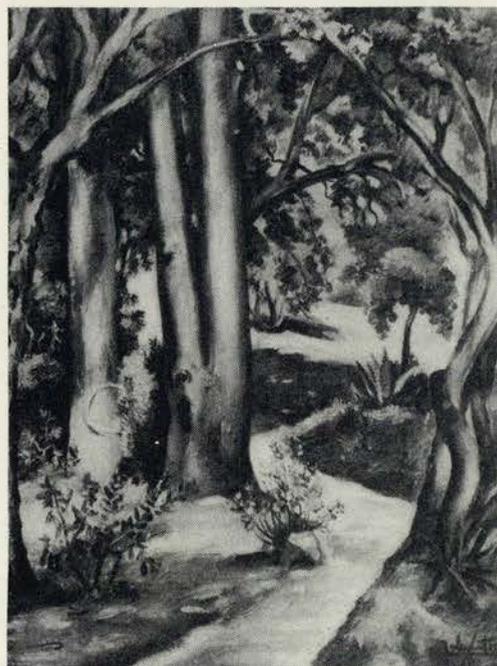
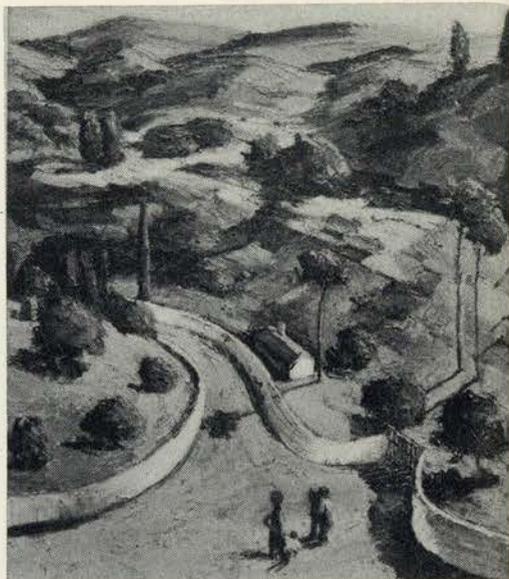
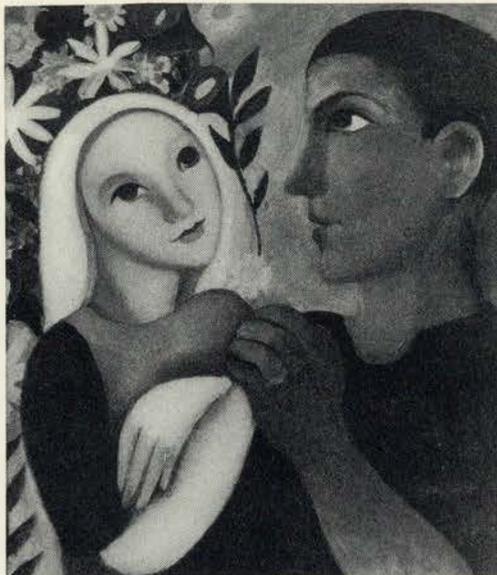
tisfeita, ansiosa, viva. Embora visívelmente equilibrada e tranqüila, como a dos veros clássicos, que ainda há quem confunda com a dos pobres académicos. Aqui, é justo dizer-se que a mais ingénua e ineficaz campanha do modernismo foi a de tentar desfazer êste miserável equívoco.

Agora, e desde há muito, ser artista não é andar à caça de bonitezas (mendigos de barbas brancas, peixeiras aristocráticas ou poentes e marinhas para decoração de calendários), mas sim exprimir a vocação pelos próprios meios, numa luta de vida ou de morte com a habilidade, o jeitinho, a facilidade, o lugar-comum e... o funambulismo.

Foi essa luta que vimos mais uma vez representada, nas suas várias modalidades, fases e *crises*, em muitas dezenas de trabalhos reünidos, há pouco, na *8.ª Exposição de Arte Moderna*, que atraíu ao estúdio do S.P.N. uma multidão de curiosos. E deve sublinhar-se o facto, porventura significativo de um gradual apuramento de gôsto do nosso público, de que foi maior do que nunca a afluência dêste ano — com autêntica *bicha* à porta, na tarde da inauguração.

C. Q.

Sarah Afonso: «Rapaz e rapariga». — Luciano Santos: «Paisagem». — Júlio Santos: «Trecho de Monserrate». — António Dacosta: «Pintura». — Inês Guerreiro: «Domingo triste». — António Pedro: «Cena».

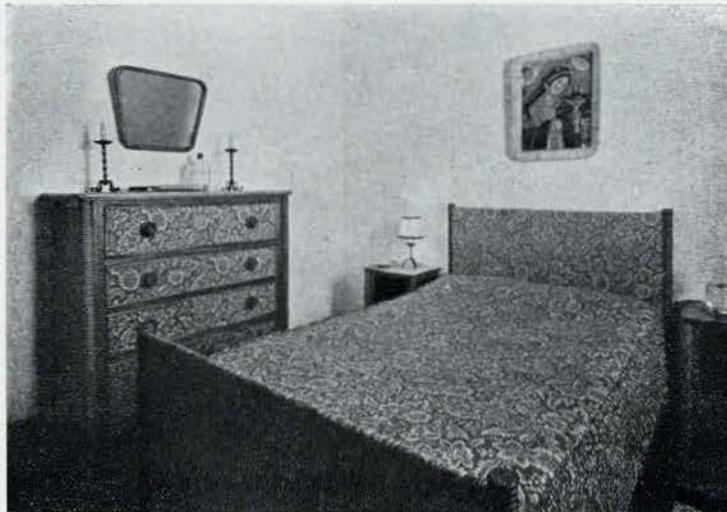
FOTOS HORACIO NOVAES

TRÊS ASPECTOS DA CASA DO PINTOR ANTÓNIO PEDRO

ENCONTRAM-SE, ainda, belas peças de mobiliário antigo, dos mais variados estilos, nas lojas dos antiquários e em leilões. Os estabelecimentos da especialidade também exibem, às vezes, magníficos móveis modernos. Mas há quem não aprecie tanto essas preciosidades, como o que possa sair-lhe da cabeça, com a marca bem nítida do seu gôsto pessoalíssimo, inconfundível.

Foi o caso do pintor António Pedro, que concebeu e desenhou, para o interior da sua casa — em que o antigo e o moderno se entretém em aprazíveis jogos de equilíbrio — o armário que nesta página reproduzimos.

Para a sua trabalhosa realização (mais evidente se observarmos que a originalidade dos ornamentos é transposta em talha e embutidos policromados) encontrou o artista um dêsses marceneiros de mãos hábeis e de paciência inesgotável que não são raros, felizmente, numa terra em que o mais inepto dos amadorismos levou a palma, em tantas outras profissões, às virtudes tradicionais e tão nobilitantes do operariado português.

O justo enquadramento dos móveis e peças de Arte nas paredes dos interiores é um dos mais importantes e difíceis objectivos da decoração. Veja-se como António Pedro enquadrou o belo armário que domina as salas da sua casa

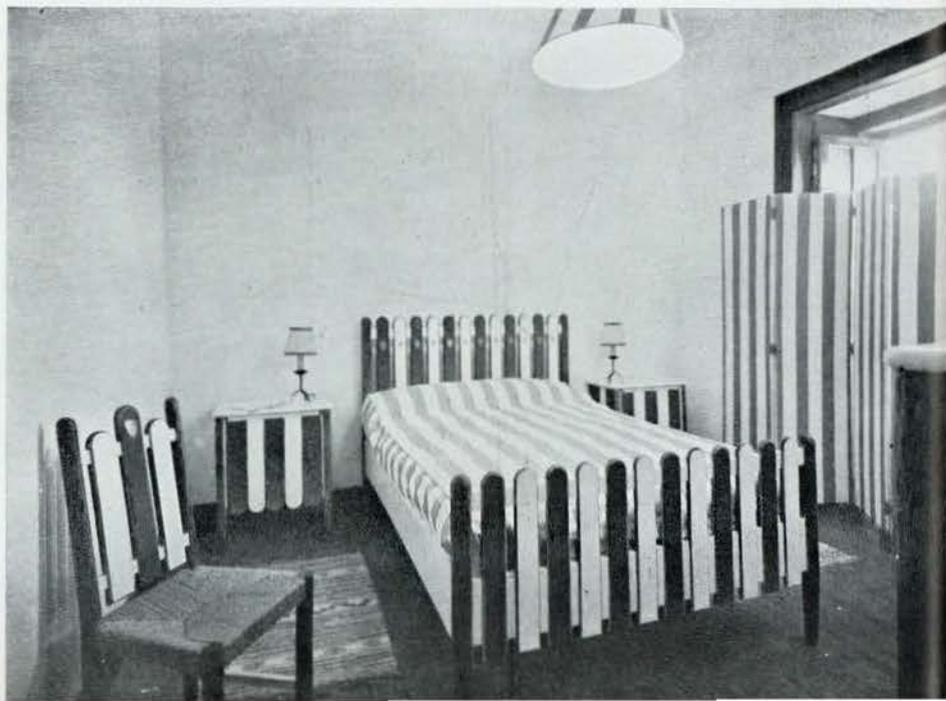
FOTOS DE MÁRIO NOVAES

CADA LAR COM O SEU AR

A CASA DE CAMPO DO ENG.º DE ROO

Que tédio, essas decorações em série dos interiores das casas, onde não se descortina um traço de personalidade, nem do proprietário, nem do decorador! Há um bocejo na atmosfera, como um aroma bafiento, que se entranha no espírito do visitante, e que vem dos móveis, dos objectos, do papel das paredes, dos tapêtes e dos candeeiros.

Que tédio! Nada tem graça, imaginação, interêsse. Os «maples» podem ser muito confortáveis — mas são exactamente aquêles que todos os dias vemos nas montras das lojas de mobílias; o mesmo feitio, a mesma côr, o mesmo padrão... E quem diz os «maples», diz as outras peças. Até os quadrinhos e os «bibelots». Que tédio!

Pois é disto mesmo que o verdadeiro decorador foge a sete pés, quando tem perante os olhos o complicado problema de recbear os interiores de uma casa, quer seja a sua, quer alheia. Se é sua, e se tem gôsto e dinheiro, é por essa bitola que tem de guiar-se, com a sensibilidade acordada e os olhos bem abertos, comprando ou fazendo construir os móveis de que precisa, de harmonia com o género de casa que se propõe habitar (cidade, campo ou praia), e sem perder de vista o equilíbrio estético entre o estilo e os materiais, entre as linhas e as côres, etc. Se é decorador de casas alheias — profissional, portanto, da decoração — tem de integrar-se não só no ambiente, na arquitectura da casa e na capacidade da verba, como na própria personalidade do proprietário; tem, assim, antes de agir como artista, de auscultar o seu gôsto, o seu estilo de vida, a sua classe, a sua profissão e os seus hábitos, com perícia de médico e prudência de conselheiro. Nada disto é fácil, como se imagina. Os desenhos e «maquettes» podem agradar, mas, depois de tudo realizado e pôsto nos seus lugares,

Dois quartos de estilos diversos, mas ambos certos com a natureza do local e o espírito arquitectónico, pois trata-se de uma casa de campo. Arranjos de Tomás de Mello (Tom).

Mesmo nestas gravuras — que reproduzem vários recantos da casa de campo do Eng.º de Roo — podem observar-se a perícia e o bom acabamento das peças de mobiliário, qualidades que distinguem o trabalho dos marceneiros portugueses.

FOTOS DE MARIO NOVAES

o proprietário pode muito bem sentir-se descontente, desaclimatado, estranho, *como uma visita da sua própria casa. Cuidado, portanto, senhores proprietários... e cuidado, também, senhores decoradores! A menor dificuldade que os profissionais da decoração encontram entre nós é, sem nenhuma dúvida, a da realização dos seus projectos. Para isso, contam êles com a rápida compreensão, a extraordinária habilidade e o afinado sentido de perfeito acabamento dos artífices portugueses. Sabe-se, por exemplo, que um bom marceneiro do nosso país será dos melhores em qualquer parte do mundo.*

Um armário, uma escrevaninha, um contador, um «toilette», uma cadeira podem ser desenhados com fantasia, podem ter pormenores inusitados, podem, em suma, constituir problemas de técnica: o certo é que os nossos operários da especialidade os resolvem fàcilmente — e bem.

Foi êste aspecto da questão que o artista Tom nos pediu para relevar, nestas páginas em que se publicam alguns pormenores dos seus arranjos decorativos na casa de campo do Eng. de Roo, em Sintra.

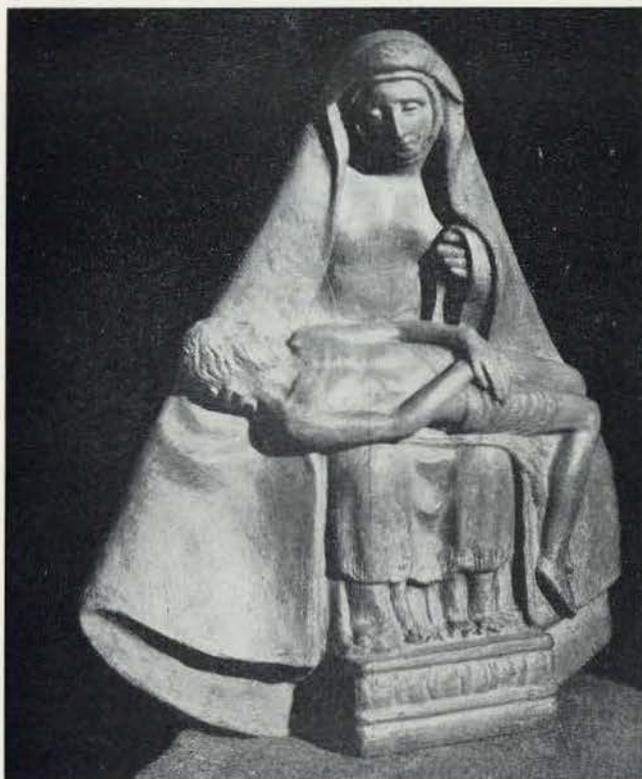
ROGÉRIO MENDES

Como se faz um bailado

Quem assiste a um bailado, que em tão escassos minutos se desenrola no palco, mal imagina de quantos esforços êle é fruto, de quantas actividades, boas vontades e canseiras êle é o resultado. Desde a concepção à montagem, em que foi necessário harmonizar o trabalho do argumentista, do compositor, dos corégrafos, dos músicos, do cenógrafo e do figurinista, o bailado tem de passar por uma complicada *oficina*, onde se amolda à imprescindível actuação dos anónimos colabora-

dores: costureiras, sapateiros, chapeleiros, carpinteiros, electricistas, etc.
As imagens aqui reünidas são uma síntese dessas numerosas fases que antecedem a exibição do espectáculo, e foram colhidas durante a elaboração de alguns dos bailados que constituem o reportório do grupo «Verde-Gaio» — organizado pelo S. P. N. e artìsticamente dirigido por Francis — que êste ano obteve, em S. Carlos, a confirmação do agrado do público, com a estreia da composição coregráfica idealizada por António Ferro, com música de Frederico de Freitas, cenários de Carlos Botelho e figurinos de Paulo Ferreira: «Imagens da Terra e do Mar».

FOTOS DE HORÁCIO NOVAES

Duas cenas da nova composição coregráfica «Imagens da Terra e do Mar», pelo grupo de bailados «Verde-Gaio». – Argumento de António Ferro, coregrafia de Francis, música de Frederico de Freitas, cenários de Carlos Botelho e figurinos de Paulo Ferreira.

"Nossa Senhora de África" (estudo). — "Filho morto". — "Êxtase".

EXPOSIÇÃO DO ESCULTOR

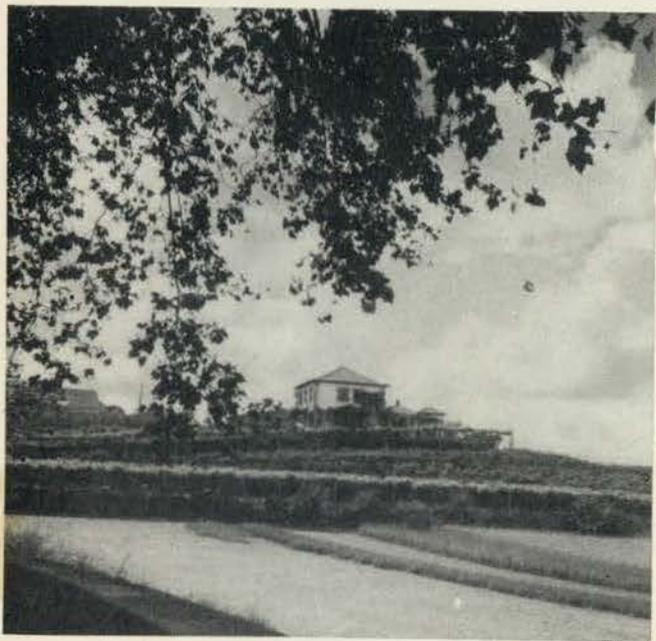
CANTO DA MAYA

EIS um daqueles nomes que nenhum português culto tem o direito de ignorar: — Canto da Maya. Valor espiritual dos mais representativos, êste grande Artista açoriano, que viveu em França desde 1921 até 1938, honrou o nosso país, sempre que expôs obras suas — tantas vezes a par dos maiores mestres da escultura contemporânea — obtendo as mais entusiásticas referências da crítica esclarecida.

A arte de Canto da Maya é a prodigiosa revelação de um temperamento extremamente sensível e totalmente diferenciado. Prodigiosa, sobretudo, pelo grau de elegância, distinção, beleza e graça poética que em tôdas as produções atinge, através de uma insuperável economia de efeitos plásticos.

Foram estas virtudes excepcionais que o público português pôde, em conjunto, apreciar, na exposição que o Artista recentemente realizou no estúdio do S. P. N.

FOTOS DE HORACIO NOVAES

SANTO-TIRSO *e a sua incomparável païsagem*

Igreja e antigo Convento Beneditino, restaurado no século XVII

SANTO-TIRSO é, sem dúvida nenhuma, das terras mais encantadoras do país.

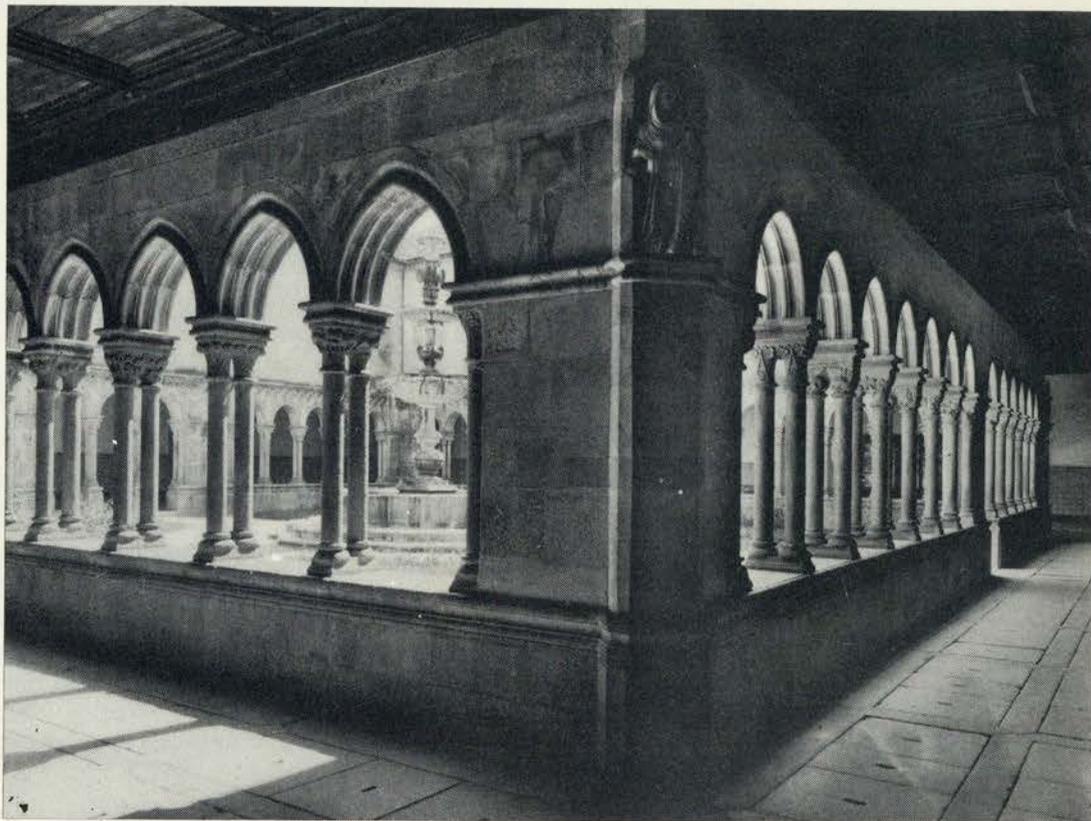
Tôda a extensão de verdura que, de um lado e do outro do Ave a nossa vista alcança, é das mais surpreendentes que conhecemos. Prende, extasia-nos mesmo, todo êsse panorama magnífico, tôdo êsse cenário bucólico, rico de côr, onde o verde quente e voluptuoso da paisagem contrasta com o azul cinzento das águas do rio, as ínsuas recolhidas e verdejantes onde as árvores frondosas se debruçam formando verdadeiros recantos de sonho e de poesia.

Mercado de Louça de Barro, óleo de Pedro Jorge Pinto

Atraídos certamente por êste espectaculo grandioso da natureza, pela amenidade do clima, construíram os frades beneditinos, nos primórdios da cristianização da península, junto ao Ave, roçando pelas suas águas cristalinas, o mosteiro de S. Nicolau. E da fundação dêste convento nasceu Santo Tirso. Em redor da propriedade começam a surgir pequenas casas. Aproveitam os habitantes as águas do Ave para regadio das suas quintas, pomares, ou simples hortejos, como fôrça motriz, para o desenvolvimento da primitiva indústria da região: as azenhas.

E o burgo — que «cidnay» se chamava primeiramente — foi crescendo, estendeu-se a uma e a outra margem do rio.

Durante séculos a história de Santo-Tirso confunde-se com

Claustro ojival do Convento Beneditino, composto de 122 colunas

FOTOS BELEZA e HORACIO NOVAES

Ponte do Ave, vista de Alem do Rio

Monte da Assunção. — Aspecto da Estância

a própria história do convento. São os frades que impulsionam o labor dos campos e que, ajudados pela fertilidade da terra, a transformam e enriquecem. E assim foi a povoação progredindo até que, no dealbar da segunda metade do século XIX, atinge a categoria de Vila.

. . .

Mas Santo-Tirso não nos encanta sòmente pela sua alegre paisagem, pela limpidez das águas do Ave que a atravessa donairoso, pela beleza indescritível das suas margens, ou pelo aspecto ubérrimo dos seus campos, nem só pelo pitoresco de certos lugarejos, com suas azenhas velhinhas gemendo cansadas e dolentemente, e algumas pontes consumidas por séculos de existência, recantos que são verdadeiros temas pictóricos.

Não, um outro cenário maravilhoso extasia o turista que visite Santo-Tirso: o vastíssimo panorama que do alto do Monte Córdova — colina que se ergue à ilharga da vila — se avista desde o vale do rio Ave às povoações de Vila-do-Conde e da Póvoa-do-Varzim, das tôrres altas dos Clérigos e da Lapa à vastidão imensa do Oceano, de S. Miguel-de-Seide, Guimarães, Famalicão, às silhuetas longinquas dos montes de Espozende e de Barcelos.

A meio do caminho exuberante de vegetação que serpenteia a encosta e nos conduz ao ponto mais elevado, existe, quasi escondida, a pequenina capela onde se venera a imagem da Virgem. Lá no alto, a Catedral majestosa e imponente — ainda inacabada — templo consagrado a Nossa Senhora da Assunção. Perto dêste ergue-se uma cruz altíssima, cruz que se destingue numa extensão de dezenas de quilómetros em redor.

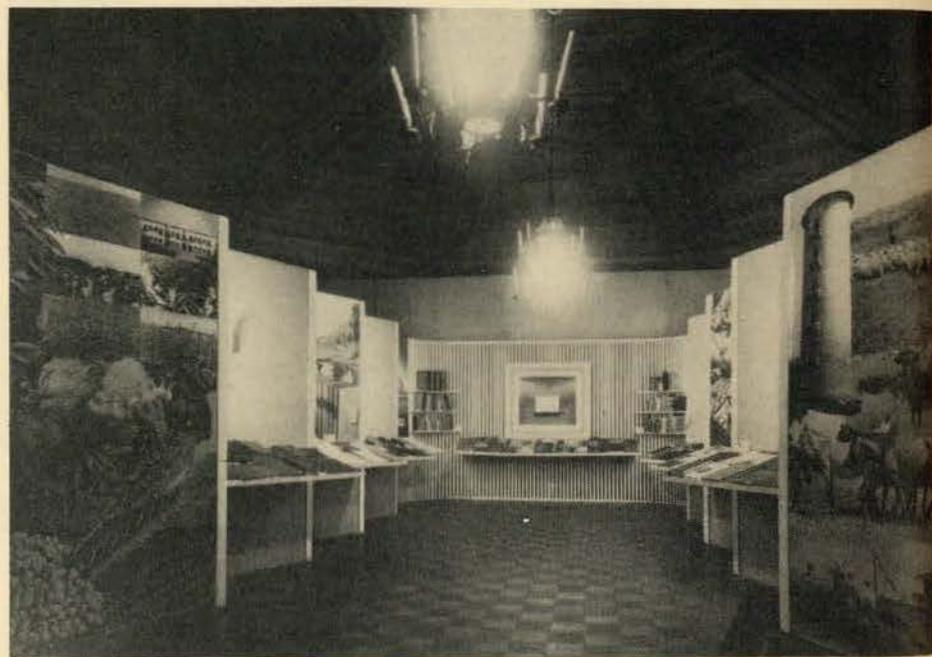
Quando a noite desce, cobrindo com seu manto negro os campos e a vila, a cruz é totalmente iluminada, recorta-se por entre as nuvens, brilha no firmamento como uma bênção dos céus a esta terra trabalhadora e progressiva.

FERREIRA DE ANDRADE

FOTOS BELEZA e HORACIO NOVAES

EXPOSIÇÃO BIBLIOGRÁFICA, AGRONÓMICA E FLORESTAL

O objectivo principal desta Exposição, promovida, há poucos meses, pela Sociedade de Ciências Agronómicas de Portugal — *nas salas do Palácio da Independência — foi «pôr em foco os variados assuntos que interessam as profissões agronómicas e florestal, apontando os sectores que elas abrangem, trazendo a lume um conceito qualificativo, que assinale os rumos da sua actividade».*

Pela forma inteligente como a realizou a Repartição de Estudos, Informação e Propaganda da Direcção Geral dos Serviços Agrícolas, *e pelo apurado gôsto artístico da apresentação das espécies—a cargo de Abílio Leal de Matos e Silva e de Carlos Ribeiro, com a colaboração do fotógrafo Mário Novaes — foi êsse objectivo plenamente alcançado, deixando a interessante Exposição uma lembrança indelével em quantos puderam, proveitosamente, visitá-la.*

FOTOS MARIO NOVAES

TURISMO

BOLETIM BIMENSAL

EDITADO PELO SECRETARIADO DA PROPAGANDA NACIONAL

COM êste número de PANORAMA, especialmente consagrado à memória do Engenheiro DUARTE PACHECO, não tivemos em vista, como é evidente e compreensível, abarcar na sua vastidão e complexidade a obra realizada pelo malogrado Estadista, mas tão sòmente os mais significativos aspectos da mesma, relacionados com o carácter desta publicação, aliás definido no seu próprio sub-título: — «Revista de ARTE e TURISMO».

Não deverá, portanto, estranhar-se que a par dos nomes e trabalhos dos Arquitectos, Pintores e Escultores aqui mencionados, não constem os daqueles Engenheiros cuja actuação tenha sido notável e, até, imprescindível — como se sabe que foi, em numerosas dessas obras com que o alto espírito patriótico, a inteligente visão e a prodigiosa actividade do nosso homenageado enriqueceram o património cultural e económico da Nação.

Acresce que a diversas construções de fundamental importância para o incremento do turismo, concebidas e efectivadas sob o impulso e a directriz do Ministro das Obras Públicas — tais como, em Lisboa: a ESTRADA MARGINAL, a AUTO-ESTRADA, o ESTÁDIO, etc. — dedicámos, em números sucessivos, artigos especiais, ilustrados com elucidativos documentos fotográficos.

Compete-nos agora salientar, com o nosso expresso reconhecimento, o amável auxílio que nos dispensaram, para a elaboração do presente número, a direcção da «Revista Municipal» e algumas das pessoas que mais de perto e assìduamente colaboraram com o Engenheiro DUARTE PACHECO, nomeadamente os senhores: Arquitectos Cottinelli Telmo e Baltazar de Castro, e Engenheiros Paulo Marques e José de Athaíde.

O QUE HÁ PARA VER EM SANTO TIRSO E ARREDORES

MONUMENTOS, IGREJAS, CONVENTOS E CHAFARIZES	SOLARES E QUINTAS	PANORAMAS EXCURSÕES, PASSEIOS E VISTAS	FEIRAS, FESTAS E ROMARIAS
Edifício da Câmara Municipal e da Escola Prática de Agricultura «Conde de S. Bento» (antigo mosteiro benedictino) Hospital da Santa Casa Liceu Municipal e Biblioteca D. Dinis Mosteiro de Singisverga, em Roris de Vilarinho Igreja de Santo-Tirso (Matriz) Igreja de S. Miguel do Couto (com a pia baptismal de S. Rosendo) Chafariz nos claustros da Igreja Matriz Cruzeiro de Santo-Tirso Cruzeiro de Sampaio de Guimarei Monumento ao Conde de S. Bento Instituto Nun'Alvares Capela dos Magriços, em Alvarelhos. Santuário de Nossa Senhora da Assunção	Solar do Outeiro, em Burzães Solar de Monfalim, em Sampaio de Guimarei Solar de Dinis, em Santa Cristina do Couto Solar da Capela, em Palmeira Quinta da Escola P. de Agricultura Quinta da Trofa Quinta da Palmeira Quinta de Dinis Quinta de Juncal Quinta da Fonte da Maria Velha (Mirandinhas), no lugar do Tapado	À mata da Senhora de Valinhas, em Córdova de Cima Ao Santuário de Nossa Senhora da Assunção, no Monte do mesmo nome À mata do Monte Córdova Ao Monte da Bela, no Padrão A S. João do Carvalhinho A Aldeia Nova (alto do Gião) Ao lugar das Pombinhas, em Rebordões A Santa Eufémia, em Alvarelhos Ao lugar de Santo António, em S. Tomé de Negrelos Ao Santuário de Nossa Senhora das Dores, em S. Martinho de Bougado Às Caldas da Saúde, em Areias	Festa do Espírito Santo, no Domingo do Espírito Santo (Pentecostes), em São Mamede de Coronado e na capela de N.ª S.ª das Dores, em S. Martinho de Bougado. — Romaria de N.ª S.ª da Assunção, no Monte do mesmo nome, a 6 quil. da vila, em 15 de Agôsto. — Festa e Romaria de N.ª S.ª das Dores, na sua capela, em S. Martinho de Bougado. — Romaria de S. Bartolomeu, em 24 de Agôsto, no lugar de S. Bartolomeu, a 4 quil. da vila. — Romaria de N.ª S.ª de Valinhas, em 8 de Setembro, em Monte Córdova de Cima (a 500 metros da estrada). — Romaria de S. Rosendo, em 21 de Setembro, na capela de S. Miguel do Couto. — Romaria de Santa Eufémia, em Alvarelhos. — Feira bi-anual de S. Bento, em 21 de Março e 11 de Julho, no adro da Igreja Matriz, na vila. — Feira anual «das Sementes», em 17 de Agôsto, em S. Martinho de Bougado (muito típica).

DIGRESSÃO TURÍSTICA À VOLTA DA

POUSADA DE SÃO GONÇALO

por Augusto Pinto

A Pousada de São Gonçalo fica nas alturas da Serra do Marão, a quatro léguas de Vila-Real de Trás os Montes, e a cinco e meia, se tanto, da muito formosa e muito famosa vila de Amarante. Ao sítio, onde se encontra, lhe chamam os serranos daquela serra, Alto de Espinho. E ao lacete airoso em que se engasta, puseram automobilistas, por muitos desastres dantes nêle acontecidos, o nome pavoroso de Curva da Morte.

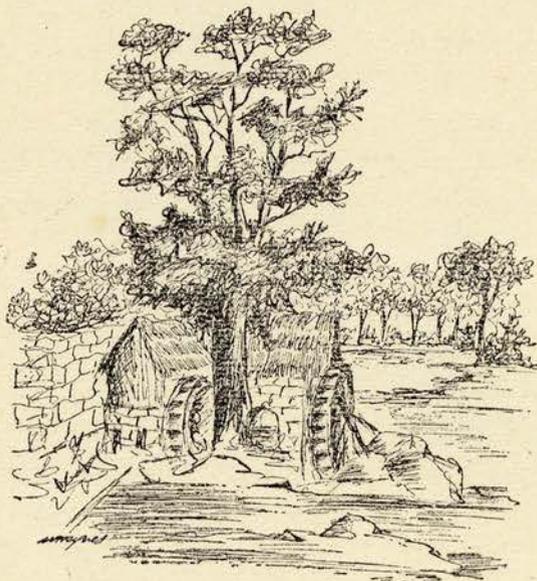
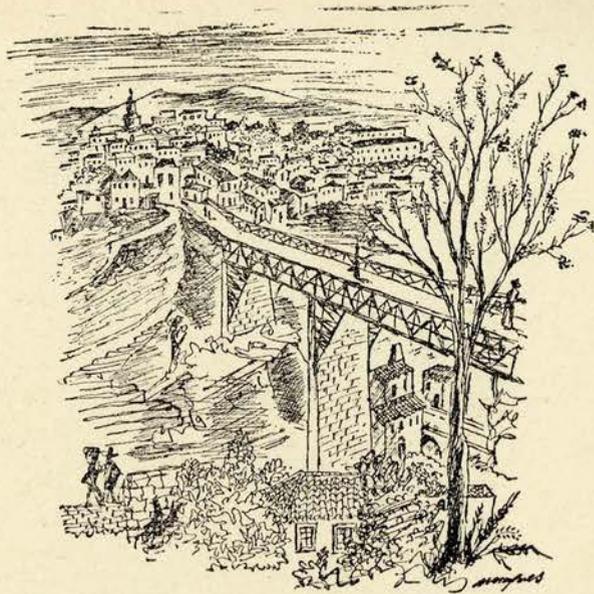
Pois tal e antiga Curva da Morte se transformou agora, devido à presença da Pousada de São Gonçalo nessas paragens, numa sumptuosa, deliciosa Curva de Vida, e de Encanto, e de Beleza. Jamais, desde que ali se plantou, por obra e graça do arquitecto portuense Rogério de Azevedo, aquela casa de tão nobres linhas, viandante ou viatura, galgando o Marão, deixou de parar perto dela, para a contemplar com regalo. Jamais, desde que José Luís Brandão de Carvalho, a floriu e iluminou, decorou a primor, pessoa de bom gôsto, a seu passo na serra, deixou de nela entrar, para a ver, a apetecer e a conhecer. E jamais, condutor de seu carro, dantes desvairado pelos torvelinhos daqueles caminhos, desde que ali encontram os vinhos e os melhores acepipes da cozinha e doçaria da região amarantina, deixou de abrandar velocidade, antes da tal e temerosa curva, estacar ao portal da Pousada, e subir para uma refeição ou para um descanso consoladores.

Isto, pelo menos. Porque, propositadamente em sua busca, já do Pôrto, que lhe dista centena escassa de quilómetros, como de outros pontos do Norte e do resto do país,

a ela vêm, com freqüência, muitas pessoas desejosas de ameno fim de semana ou de gôso de curtas férias.

Sobem ali, vindas da estação de Amarante, a estação mais próxima, na linha do Vale do Tâmega, em carro de passageiros. Por outro lado, as caminhetas do Pôrto-Penafiel ou de S. Cosmado — Vila-Real, nas suas carreiras, de cá para lá e de lá para cá, levam-lhe também muitos visitantes e bagagens. E ainda por seus próprios meios, ou seja por meio de automóvel seu e a seu dispor, grande maioria procura a Pousada e à Pousada se transporta, para nela comer, ou dormir, ou ficar durante alguns dias.

Têm os viajeiros todos — êsses, aquêles ou aqueloutros — desta e nesta Pousada de São Gonçalo, miradouro de largos e lindos horizontes, oferta imediata de um cenário de maravilha, onde extasiar a vista e deleitar o coração. De qualquer de suas janelas e ventanais, e principalmente da sua varanda central — a da casa de jantar, precisamente — o panorama é de assombro. Aqui, um pico mais alto, a barrar distâncias. Ali, outro que tal, mais apartado, pôsto em segundo, em terceiro, em quarto plano, de uma série de cerros menores, de corcovões, de barrocais e de tremedais.

Pinheirais de encosta, côr de bronze velho ferrugento. Lençoes de urze rasteira, rôxa de um rôxo muito humilde, estendidos pelos ressaltos e planaltos da serra. E de repente, e em frente, despenhadeiros, fragaredos, terreiros escuros,

pendores, e um vale muito verde, lá por baixo, com um regato fino como a cicatriz de uma navalha, com rodas pequeninas de azenha bulindo, com hortejos, manchas de pomares, verduras cada vez mais remotas e mais claras de milharais e de vinhas de enforcado; brancuras de casas e de

casalejos; terras de Candomil e de Anciães... E para além, e para acolá, outros montes e horizontes; outras e novas terras. E para além, e ainda, mais terras e mais serras de Portugal, esfumando-se em tons côr de pérola e côr de violeta. E Portugal inteiro — que do Marão bem se vira, se o consentira a transparência do ar e o alcance da vista do nosso olhar.

A Pousada de São Gonçalo, a 900 metros de altitude, muito se recomenda aos que presam a pureza do ar dos cimos ou dêle precisam para seu bem.

Pode ser apontada como um figurino perfeito de outras semelhantes, ou de estalagens, ou de albergarias, ou de pequenas hospedarias que, organismos oficiais ou particulares, pensem construir em qualquer sítio de altitude aproximada.

Seus cómodos são os que bastam e quadram a seus fins — dar de comer e beber a quem passa e para isso pára, e o mesmo e cama, a quem nela poisa por uma noite ou por alguns dias. Daí, ter ao dispor de quem a busca, uma sala de mesa, dois quartos de casal — um dêles com sala de banho privativa — um quarto de pessoa só, e mais duas camaratas a dois leitos cada uma. Total: local para uma dúzia, dúzia e meia de pessoas, no máximo, comerem almôço, merenda, jantar ou ceia, e para sete, oito, quando muito nove, poderem dormir ou quedar.

Os que nela se encontrem neste último caso — em fim de semana, como já notámos, ou com demora maior — muito, e de muito curioso, podem nas suas proximidades visitar e ver.

Isso depende, como se depreende, da época do ano, do tempo que fizer — e do que a pessoa tiver — e mais das disposições e das predilecções de cada qual.

Na Pousada de São Gonçalo, como aliás em tôdas as pousadas entregues pelo Govêrno ao S. P. N., têm seus visitantes ou seus hóspedes, para consultar, um «roteiro» da respectiva região, com tôdas as indicações relativas às melhores excursões que dela se podem fazer.

O «Roteiro do Marão» — assim é chamado o que se arquiva nesta Pousada — aponta e pormenoriza tudo quanto a passeios pelas cercanias e outros prazeres diz respeito.

Dêsses passeios, os mais recomendáveis, são os que se podem fazer, de automóvel ou a pé — embora alguns dêles sejam a longa distância — ao Alto de Espinho, à Casa da Neve e ao Pôsto do Tôrno. Como à povoação de Anciäo e à Ribeira-da-Várzea. Ou à Póvoa e Murgido, e ao Vale da Campeã.

A todos êstes pontos pode, sem dúvida, afoitar-se um caminhante sózinho, mas porque são freqüentes as mudanças de tempo na Serra do Marão, e às duas por três se está envolvido em nevoeiro — e em perigo de se desgarrar e perder — mais conveniente é ir na companhia de um guia experimentado. Que o tem na Pousada, e às suas ordens, sempre.

E sempre o deve levar consigo se tenta alcançar os Picos da Senhora da Amoreira ou do Senhor da Serra, a castiça aldeia de Covêlo-do-Monte, e o Curral-dos-Lôbos ou os Cabris. Que para êsses lugares, mesmo acompanhado, se não tem perna forte e não anda acostumado a palmilhar serras, é melhor não ir, nem pensar vê-los.

Mas pensar ver e ver, por exemplo, Candemil, é não só linda intenção como dever, como obrigação. Candemil é o berço natal do grande orador português, António Cândido. Ali está a sua casa do Cruzeiro, cheia de relíquias. Ali, o banco rústico, onde, sob mimosas floridas, costumava meditar. Ali, o cemitério pequenino, onde, em campa raza, dorme seu eterno sono. E da Pousada a Candemil, vai-se de automóvel em 20 minutos.

Como se vai, em pouco mais, a Vila-Real e a Amarante, a que nenhum hóspede da Pousada de São Gonçalo deve — a uma e outra — também deixar de fazer visita. Sobretudo, se fôr amante de monumentos, porque tanto naquela cidade, como nesta vila, muito, nesse capítulo, haverá que admirar.

Que se a monumentos não fôr seu gôsto inclinado, antes a festas de ar livre, mercados e feiras, e romarias, muitas nessas duas terras, e outras no Marão e à sua volta, na roda do ano, terá para se divertir. É ter apenas a sorte de se encontrar na Pousada, quando elas se façam.

Como se fôr amante de bons vinhos, e de lambarices, ou de petiscos regionais, ou de fruta excelente, disso topa, com fartura, por tôda a região.

Como se fôr também dado aos prazeres da caça ou da pesca. Porque na Serra abunda a perdiz e o coelho, e até o javali, e até o lobo, e nas ribeiras visinhas da Ramalhosa e da Abordelha a magnífica truta.

Mas se não fôr nem pescador nem caçador, nem amador de acepipes, nem de festanças, nem de passeatas, apenas pessoa disposta à contemplação da paisagem, ao repouso e ao gôso do saüdável ar das alturas, nem precisa de sair da Pousada de São Gonçalo para sentir-se regalado e maravilhado.

Basta, para isso, ao abeirar-se dessa pousada, em que tudo — o traçado original, os muros de pedra miúda e xistosa, o interior que barros e louças regionais alindam, os seus ferros «forjados», o risco e mobiliário dos aposentos, e quanto mais — está intimamente em relação, ligação com o ambiente da Serra imponente, dispor-se a entrar. Entre, se faz favor! Suba à sala de mesa. Mande vir, consoante a hora do dia, um suculento desjejum, jantar ou merenda, ou uma ceia ligeira. Verá que o servem bem, com simpatia e galhardia. (A casa é de bem servir). Se estiver dia ameno e lavado, abra, de par em par, a varanda fronteira. E olhe, com olhos de ver, êsse deslumbramento. E oiça, com ouvidos de ouvir, êsse impressionante silêncio. E resolva-se a ficar. Peça um quarto. E vá-se deitar cedo, para cedo se erguer o que — sabe-o muito bem —

dá saúde e faz crescer.

Nas camas da Pousada de São Gonçalo, de lençois de linho, de colchas e de mantas floridas, que cheiram a maçã camoesa e cheiram a flor de alfazema, ninguém há que não durma sono profundo, pacífico e reparador. Sono sem sonhos.

Porque o Sonho, ali, sonha-se de olhos abertos, olhando em volta, a realidade da Serra do Marão, na sua majestática grandeza e beleza.

DESENHOS DE BERNARDO MARQUES

FESTAS, FEIRAS E ROMARIAS, NA SERRA DO MARÃO E À SUA RODA

Nos 1.os sábados e nos dias 17 de cada mês — Feira muito concorrida e muito animada, na vila de Amarante.

Em Janeiro, 10 — Festa a S. Gançalo, com procissão (Amarante).

Em Fevereiro, 2 e 3 — Festa a S. Brás (Vila-Real).

Em Março ou Abril — No 2.º domingo antes da Páscoa — Festa de S. Lázaro (Vila-Real).

Por fins da Primavera — princípios de Verão — Entre as romarias do Espírito Santo e a do Senhor de Matosinhos — Festa à Senhora da Corvalhã (perto da aldeia de Candemil, na Serra).

Em Junho, 1.º sábado e 1.º domingo — Arraial e Feira de S. Gonçalo (Amarante).

Em Junho, dia do «Corpus-Christi» — Procissão maior a S. Gonçalo, com a «Serpe» e com a célebre cavalgada de lavradores (Amarante).

Em Junho, 13 e 20 — Feira e Festa de Santo António (Vila-Real).

Em Junho, 29 — Feira anual de S. Pedro. Feira célebre de barros e de produtos de tecelagem rústica (Vila-Real).

Em Julho, último domingo — Festa de Sant'Ana. (Em Campeã, a 15 quilómetros de Vila-Real).

Em Agôsto, 15 — Festa à Senhora da Amoreira. (Na sua capela da serra).

Em Setembro, 7 e 8 — Romaria e feira de Almodena (Vila-Real).

Em Setembro, 2.º domingo — Festa da Senhora da Pena. (Na Pena, a 12 quilómetros de Vila-Real).

Em Setembro, 8 — Romaria de S. Gens. (Em S. Gens, a 7 quilómetros de Amarante).

INICIATIVAS E REALIZAÇÕES

Arquitectura Portuguesa

O *Diário da Manhã* publicou, na sua página de *Cultura*, um oportuno inquérito aos arquitectos portugueses, sob o título de «Arquitectura de amanha», organizado pelo crítico de arte Fernando de Pamplona — que fêz, entre outras, as seguintes conclusivas afirmações:

«Não pode ser boa para nós uma arquitectura que não seja nossa, que não esteja de acôrdo com o nosso gôsto e sentir, com a configuração do nosso solo e as condições do nosso clima. Logo, a arquitectura de hoje está errada».

No final do seu artigo, Fernando de Pamplona resume do seguinte modo o que mais importaria fazer em prol do ressurgimento da arquitectura portuguesa:

«1.º: Reaportuguesar o espírito dos nossos arquitectos, levando-os a encarar com carinho e amor as coisas nossas. 2.º: Procurar atingir êste objectivo através de uma séria cultura nacionalista. 3.º: Aproveitar o potencial magnífico da nossa rica tradição arquitectónica — mas sem de nenhum modo descambar na arqueologia artística, mal não inferior ao que ora nos aflige. 4.º: Não deixar fugir o actual momento histórico, tão favorável a uma fecunda renovação. 5.º: Conciliar as lições do passado e as conquistas do presente, operando a sua síntese. 6.º: Pôr de banda o ridículo *contra-placado* de mármore, e restringir quanto possível o uso e abuso do horrendo cimento armado — o eterno lôgro do barato que sai caro.»

«Desta maneira — termina o realizador do inquérito — conseguiremos fazer renascer a arquitectura portuguesa, hoje em eclipse. Desta maneira, a arquitectura portuguesa de amanhã terá um cunho retintamente nacional e, portanto, europeu.»

Uma nova casa de chá, em Azeitão

Inaugurou-se, há pouco tempo, na *Quinta das Tôrres* — um dos mais belos palácios seiscentistas da província da Estremadura — uma Casa de Chá de ambiente civilizado, onde também se servem almoços e jantares. A quinta possui jardins encantadores, lagos amplos e uma piscina para o verão. Os interiores do edifício, admiràvelmente decorados, têm confortáveis lareiras, dando as janelas das salas onde se fornecem as refeições para um dos grandes lagos.

Com esta iniciativa ficou notàvelmente valorizada a região de Azeitão — à qual PANORAMA vai consagrar, pròximamente, algumas páginas.

A *Quinta das Tôrres* está situada na estrada do Alentejo, a caminho de Setúbal, servindo, portanto, o movimento turístico da Serra da Arrábida.

O Edifício da Comissão Reguladora do Comércio de Bacalhau

Por êrro de informação particularmente prestada a esta revista, foi atribuída — na legenda de uma gravura inserta no passado número — a autoria do edifício dos armazéns da C. R. C. B. ao Arq.º Pardal Monteiro, quando, de facto, o projecto e realização dessa magnífica obra são do Arq.º João Simões e do Eng.º Iglésias de Oliveira.

Sôbre o assunto, já por nós esclarecido na imprensa diária da capital, recebemos do Arq.º Pardal Monteiro a carta que a seguir transcrevemos:

«Sr. Director: — No último número do PANORAMA é-me atribuída a autoria do edifício da Comissão Reguladora do Comércio de Bacalhau, o que por não ser exacto peço a V. Ex.ª para mandar corrigir, quando fôr oportuno, pois a composição arquitectónica daquêle edifício é da autoria do meu ilustre colega Sr. João Simões.»

«Estimaria que essa correcção fôsse feita na própria revista, focando o nome daquele meu colega, um novo que muito admiro e merece o justo prémio da pública consagração pela obra que concebeu e a reparação moral que o conforte do aborrecimento que certamente lhe teria causado o equívoco do informador da admirável revista que V. Ex.ª superiormente dirige.»

«Agradecendo a satisfação do meu pedido, apresento-lhe, Sr. Director, os meus respeitosos cumprimentos.» — *(a)* Pardal Monteiro.

A Cidade de Ouro-Prêto

Editado pela revista luso-brasileira *Atlântico*, acaba de aparecer um belo álbum consagrado a «Ouro-Prêto — uma cidade antiga do Brasil», com 39 excelentes fotografias de Germaine Krull e dois interessantes prefácios assinados pelo Arq.º Raúl Lino e o poeta Ribeiro Couto, respectivamente sob os títulos de: «Cidade exilada» e «Ouro de pobres».

Ribeiro Couto, uma das mais representativas figuras da moderna literatura brasileira — que se encontra, agora, em Portugal, no desempenho de um alto cargo diplomático — valorizou o interêsse documental das gravuras com elucidativas legendas.

«Panorama» regista

★ O ritmo progressivo das comparticipações do Estado, pelo Fundo do Desemprêgo, para obras de melhoramentos urbanos no Continente e nas Ilhas Adjacentes — das quais altamente beneficiará o turismo nacional.

★ A publicação do álbum «Parques Infantis», com esclarecedora prosa de Maria Archer àcêrca dessa obra admirável de assistência social que a poetisa Fernanda de Castro criou e tem desenvolvido.

★ A idéia — lançada pelo periódico *Eco do Funchal* — da construção de um aeroporto na ilha da Madeira.

★ O plano de grandiosas realizações da Câmara Municipal de Lisboa, para o ano corrente, que inclui a urbanização da Praça do Areeiro e a construção de casas para gente pobre, escolas, etc.

★ As notícias de que vai ser edificado um hotel nas Penhas Douradas, na Serra da Estrêla — e de que o novo hotel da Guarda, ainda por inaugurar, vai ser apetrechado para o funcionamento de uma Escola de Hotelaria.

★ A magnífica *Exposição de Arte Alemã* — «Gravura, desenho e aguarela na Alemanha, nos últimos dois séculos» — recentemente organizada pelo Instituto de Cultura Alemã de Lisboa, na Sociedade Nacional de Belas Artes.

CONCURSO DA CASA PANORAMA

Ainda a pedido de alguns concorrentes — e apesar de já terem dado entrada na nossa Administração vários trabalhos de arquitectos de Lisboa e do Pôrto — o prazo definitivo para a entrega dos projectos destinados a êste concurso é prolongado até ao dia 20 de Março.

As condições regulamentares foram publicadas nos números 14 e 15-16 desta revista.

A OBRA DO ENGENHEIRO

DUARTE PACHECO

O número 6 (Novembro-Dezembro de 1943), da REVISTA DA ORDEM DOS ENGENHEIROS, publicou, em editorial, a síntese que a seguir reproduzimos da obra monumental do Eng.º Duarte Pacheco.

A construção das novas instalações do Instituto Superior Técnico, começada em 1927 com tenacidade e largueza de vistas notáveis, e, depois, a passagem de alguns meses pela pasta da Instrução Pública devem ter constituído estágios da sua preparação mental para as tarefas que, mais tarde, o então professor de matemáticas superiores e engenheiro electrotécnico veio a desenvolver na orgânica dos serviços e na condução de planos de obras de grande envergadura na pasta das Obras Públicas e Comunicações (que ocupou duas vezes com a demora total de quási nove anos) e na presidência do Município da capital.

Certamente onde a sua obra material tomou aspectos de novidade mais marcados e alcançou resultados mais aparentes foi na resolução dos grandes problemas dos aglomerados urbanos, quer no regramento da planificação das futuras zonas residenciais e industriais, quer na correcção de deformações perniciosas à circulação moderna e à protecção estética de antigas construções, como, ainda, nas questões essenciais da salubridade colectiva e da habitação económica.

Ordenou o levantamento das plantas topográficas e a elaboração dos planos gerais de urbanização, pelas câmaras municipais do Continente e Ilhas Adjacentes; estabeleceu as bases da criação do grande parque florestal de Lisboa, na serra de Monsanto, e impulsionou a execução das plantações e trabalhos complementares; definiu a região que ficou tendo o nome de Costa do Sol e regulou a sua urbanização; determinou a elaboração do plano geral de expansão e urbanização da cidade do Pôrto; promoveu a elaboração dos planos de urbanização de Coimbra, Évora, Guimarães, Beja, Vila-Real, Faro e numerosas outras cidades, vilas e estações termais e centros de turismo; em Lisboa, depois de chamar, em 1933, o urbanista Alfredo Agache para proceder ao estudo preliminar da extensão oeste da cidade, orientou pessoalmente os estudos do desenvolvimento da capital, das suas relações com o pôrto de mar, com as rêdes ferroviárias e de estradas e com os aeroportos terrestres e marítimo e deixou já rasgadas algumas das novas grandes artérias que irão condicionar a circulação e as construções futuras; particularmente notáveis foram a construção da estrada marginal de turismo entre Lisboa e Cascais e a construção da auto-estrada com transposição do Vale de Alcântara por viaduto (o qual, em si mesmo, constitui uma das mais arrojadas e perfeitas realizações da engenharia nacional), uma e outra resolvendo as dificuldades opostas desde há muitas dezenas de anos à expansão da capital nas colinas sobranceiras ao Tejo; promoveu o estudo geral e lançou a construção dos melhoramentos na Praça do Império e na zona marginal de Belém; levou por diante a transferência da fábrica de gás iluminante das proximidades da Tôrre de Belém para a Matinha; criou os parques infantis e, com a colaboração do distinto engenheiro-agrónomo Gomes de Amorim, cuja morte também deploramos, remodelou os importantes serviços de parques e jardins de Lisboa.

Estabeleceu para todo o País, em 1932, o regime das zonas de protecção dos edifícios públicos de reconhecido valor arquitectónico; pela fundação dos Serviços de Melhoramentos Urbanos e de Arruamentos fêz planificar e executar, com a assistência técnica e a comparticipação financeira do Estado, numerosíssimas obras de interêsse local e vantagem colectiva, fora dos grandes centros, compreendendo a realização de planos de urbanismo, a construção, transformação e reparação de escolas primárias, escolas profissionais elementares, liceus municipais, hospitais e outros edifícios de assistência, museus e monumentos.

Devem destacar-se as novas construções da Casa da Moeda e do Instituto de Estatística, em Lisboa, e as colónias penais e cadeias em construção por todo o País.

Com a reforma dos Serviços de Melhoramentos Rurais fêz multiplicar até aos milhares as pequenas obras dos caminhos vicinais, das fontes, dos esgotos e dos cemitérios, que tanto importam à elevação do nível social e económico nos lugares e freguesias.

Depois da conclusão dos antigos bairros sociais da Ajuda e do Arco do Cego orientou a construção das casas para o pessoal das linhas férreas do Estado; e instituiu, em bases inteiramente diferentes das que foram tentadas no estrangeiro, o regime da construção de casas económicas, em colaboração com as câmaras municipais, corporações administrativas e organismos do Estado, o que deu lugar à perfeita execução e utilização dos milhares de construções nos bairros já construídos em Viana-do-Castelo, Braga, Bragança, Pôrto, Covilhã, S. João-da-Madeira, Vila-Viçosa, Portimão, Olhão, Vila-do-Conde, Guimarães, Aveiro, Figueira-da-Foz, Coimbra e Peniche; em Lisboa, além dos grandes bairros económicos com mais de 500 moradias cada um, resolveu a absorção da população dos bairros clandestinos, que fêz destruir, pela instalação de 1.000 pequenas casas desmontáveis nos bairros da Bela Vista e da Quinta da Calçada.

No campo sanitário, promulgadas as normas dos Serviços de Melhoramentos de Águas e Saneamento, para concessão da assistência técnica e da comparticipação financeira do Estado na realização das obras de captação e distribuição

de água e de estabelecimento de rêdes de esgôto, deixou resolvidos os respectivos problemas em 7 ou 8 dezenas de cidades, vilas e povoações importantes, fora dos grandes centros; realizou a colaboração dos serviços de engenharia do Ministério das Obras Públicas com os higienistas da Direcção Geral de Saúde no que respeita ao estudo e execução daquelas obras e ainda nas de construção, ampliação e remodelação de cemitérios, hospitais, hospícios, asilos, dispensários, sanatórios, cadeias, mercados e outras de carácter sanitário; fêz publicar o regulamento geral de abastecimentos de água; estabeleceu as bases para o abastecimento de água e regulamentou as obras de saneamento, na cidade do Pôrto; mas onde as complexas questões de administração, de financiamento e de técnica suscitadas pelas necessidades de água potável de um grande centro permitiram pôr à prova as suas raras faculdades de inteligência e energia foi nas medidas que conduziram à resolução do gravíssimo problema das águas de Lisboa, nos anos de 1932 e 1933.

A restauração e o acrescentamento do património artístico e cultural do País devem-lhe também assinalados serviços, pela intervenção constante nos restauros dos antigos monumentos militares, religiosos e civis; particularmente, o Castelo de Lisboa, os Paços dos Duques de Bragança, em Guimarães, o Palácio Nacional de Queluz, o Teatro de S. Carlos, o Museu Nacional de Arte Antiga, o Museu de Escultura Soares dos Reis, no Pôrto, a Biblioteca e Museu D. Diogo de Sousa, em Braga, e a estátua de D. João IV, em Vila-Viçosa.

As construções escolares e para-escolares, para todos os graus do ensino, mereceram-lhe a maior atenção, desde a elaboração dos programas, por vezes tão complexos, à localização e acabamento dos edifícios. Preparou o plano dos Centenários para a construção de 10.000 escolas primárias, em todo o País, adequadas ao clima e às características regionais; concluiu os novos edifícios de um certo número de liceus; promoveu a conclusão dos edifícios das Faculdades de Engenharia e de Farmácia, da Universidade do Pôrto, e da Maternidade Júlio Diniz, na mesma cidade; regulou a administração e direcção técnica dos novos edifícios para a instalação da reitoria da Universidade de Lisboa e das Faculdades de Letras e Direito; estabeleceu o regime de construção dos dois novos Hospitais Escolares, já começados, em Lisboa e Pôrto, e do Instituto de Oncologia; orientou a construção da Estação Agronómica Nacional, em Sacavém, e do Observatório Meteorológico dos Açores.

Deixou já delineados sob a sua direcção os planos de adaptação e construção da Cidade Universitária de Coimbra.

Poder-se-á ainda agrupar neste sector a sua acção fomentadora dos estudos e da construção do Estádio Nacional.

A realização da Exposição Histórica do Mundo Português, expressão portentosa do nosso desenvolvimento cultural no domínio das artes plásticas, deveu-lhe o mais esgotante esfôrço e valiosíssima contribuição que não pode discriminar-se no que representou de capacidade de organiza-

OFICINAS
GRÁFICAS

Empresa Nacional
de Publicidade

T. DO POÇO DA CIDADE, 26
LISBOA · PORTUGAL

Os cremes de beleza «Semiramis», pela maneira como são preparados, pela pureza das matérias utilizadas na sua constituição, dão plena garantia de êxito no tratamento racional da pele.

DEPÓSITO GERAL:
RUA EUGÉNIO DOS SANTOS, 27-3.º — LISBOA
TELEFONE 25292

ção, velocidade de execução e intuição das soluções de muitos problemas novos.

Pela própria natureza das coisas, os aspectos evidentes e brilhantes da obra enunciada têm de atenuar-se e transmudar-se no sentido da eficiência e da oportunidade quando se recorda a intervenção do falecido Ministro das Obras Públicas e Comunicações no apetrechamento económico nacional.

Teve uma permanente e vasta actuação no completamento da rêde de estradas nacional, especialmente na zona de menor densidade de comunicações, ao sul do Tejo, tendo deixado pràticamente concluído o novo plano de classificação das estradas nacionais, que servirá de base para a normalização das características de construção e para a regulamentação actualizada da conservação; algumas obras de arte notáveis foram concluídas sob a sua gerência; promoveu a construção da nova estrada marginal do Douro; fêz estudar a sinalização das estradas; aboliu o regime de portagem nas pontes; fêz concluir numerosos circuitos de turismo (devendo recordar-se, neste passo, as notáveis realizações das pousadas de turismo, construídas nas serras do Marão e da Estrêla, no Vale do Vouga, em Elvas, S. Martinho-do-Pôrto, Santiago-de-Cacém e S. Braz-de-Alportel; e ainda as novas instalações das estações fronteiriças do Caia, S. Leonardo e Vilar-Formoso); e fêz estudar, sob directrizes que permitem atingir e balancear as soluções concretas, o complexo condicionamento técnico, económico e financeiro das passagens do Tejo em Vila-Franca, no Montijo e em Alcântara.

Nos transportes ferroviários, além de uma constante e obscura actuação sôbre as delicadas variações tarifárias e as dificuldades de abastecimento, orientou a aquisição de moderníssimas carruagens metálicas, inauguradas em 1940, promoveu a alteração do defeituoso traçado da linha férrea do Estoril, entre o Bom Sucesso e Alcântara, e a construção das novas estações da mesma linha, criou a Câmara dos Agentes Transitários, promoveu a unificação dos tipos de passagem superior de via larga a empregar nas novas construções e impulsionou os estudos das novas gares de passageiros e mercadorias de Lisboa.

Quanto aos transportes por estrada, na época em que se desenhou mais intensa a sua concorrência com o caminho de ferro, reorganizou os Serviços de Viação, criou o Grémio dos Industriais de Transportes em Automóveis e regulamentou os transportes em automóveis pesados.

A tal acção de disciplina económica e coordenação podem juntar-se, ainda, o estabelecimento de fiscalização de todos os serviços públicos de transporte colectivo, em carros eléctricos e automóveis pesados, a regulamentação da profissão dos condutores de automóveis, a política de adaptação progressiva dos veículos dos concessionários de carreiras regulares de passageiros e de transporte de mercadorias em automóveis pesados ao funcionamento a gás pobre; e também estudos originais que não chegaram a ser publicados

no Diário do Govêrno *sôbre as tarifas do transporte por estrada.*

Em relação às rêdes telegráfica e telefónica nacional fêz prosseguir os planos de montagem dos cabos telefónicos subterrâneos da nova rêde telefónica do Estado e o estabelecimento do serviço automático nos centros urbanos mais importantes; promoveu a construção de algumas dezenas dos novos edifícios dos C. T. T. e o estudo da nova Central Telefónica de Lisboa; introduziu importantes alterações aos contratos com as emprêsas concessionárias do Estado para as comunicações; promulgou o regulamento de exploração e tarifas da rêde telefónica nacional.

Nas comunicações telegráficas e postais foi notável a sua intervenção no acôrdo luso-brasileiro, na redução das taxas para as Colónias e para o Brasil.

A nova estrutura dos serviços da Administração Geral dos Correios, Telégrafos e Telefones foi por si estudada e promulgada em 1939, assim como os novos quadros e vencimentos do respectivo pessoal.

Ainda quanto a telecomunicações, depois de promulgar o regulamento das instalações radioeléctricas, instituiu a Emissora Nacional de Radiodifusão, cuja organização de serviços promulgou definitivamente em 1940, estabeleceu as normas mínimas para o funcionamento dos postos particulares e, finalmente, aprovou o Plano Nacional de Radiodifusão, o qual deu lugar à instalação dos novos emissores de onda média e curta, que permitem o contacto seguro e permanente com todo o território do Império.

Na administração portuária introduziu numerosas disposições para aperfeiçoamento dos serviços de exploração das juntas autónomas; criou o Conselho de Tarifas dos Portos; concentrou na Divisão de Dragagens todo o material disperso pelos portos do Continente; determinou a construção do molhe exterior a norte do pôrto de Leixões, para completar-lhe o abrigo; promoveu os trabalhos complementares do pôrto de Viana-do-Castelo, os estudos do pôrto da Figueira-da-Foz, as obras de construção do pôrto de pesca da Póvoa-do-Varzim e de um molhe de abrigo no portinho do Revés, em Peniche; providenciou quanto aos trabalhos dificílimos de remoção do paquête «Orania» afundado no pôrto de Leixões; e, recentemente, promulgou as bases da planificação da extensão, arranjo e expansão das zonas terrestres adstritas aos portos.

No pôrto de Lisboa fêz estudar o futuro pôrto de pesca; determinou a elaboração do plano de melhoramentos da 1.ª secção; ordenou a reconstrução do molhe oeste da doca de Santos; remodelou a lei orgânica e reorganizou os serviços da respectiva Administração-Geral, e promulgou, em novas bases, um regulamento de tarifas; promoveu a construção das modernas estações marítimas para o serviço de passageiros, internacional e colonial, e condicionou a utilização dos terraplenos para as mercadorias e as indústrias segundo regras lógicas de divisão em lotes e de acesso aos cais, às estradas e vias férreas.

Levou a cabo a construção do novo Arsenal do Alfeite, da Escola Naval e dos bairros residenciais anexos e deixou muito adiantados os projectos e obras da Base Naval de Lisboa e do Centro de Aviação Naval do Montijo.

Com notável rapidez conduziu a construção do aeroporto da Portela de Sacavém, um dos melhores da Europa, e os trabalhos do aeródromo das Pedras Rubras, no Pôrto; e deixou concluídos os estudos do aeroporto marítimo, em Cabo Ruivo.

A política de rega mereceu-lhe uma reorganização dos serviços da Junta Autónoma das Obras de Hidráulica Agrícola e numerosas providências relativas à condução dos importantes trabalhos de enxugo ou de armazenamento de água, de distribuição e de adaptação ao regadio nos aproveitamentos do Vale do Sado, das Campinas da Idanha, de Cela e de Loures e do Paúl de Magos.

Organizou os levantamentos topográficos e hidrográficos dos troços com interêsse económico dos rios Zêzere, Lis, Vouga, Mira, Mondego e Guadiana; fêz proceder ao reconhecimento geológico dos locais de implatação das barragens mais importantes cuja construção se prevê; e deixou concluídos, em condições de proceder-se ràpidamente à abertura dos estaleiros, os trabalhos preparatórios do aproveitamento hidroeléctrico do Castelo de Bode; e ainda tomou decisões relativas à conexão das centrais hidroeléctricas do norte do País.

O problema das cheias do Tejo, nos seus aspectos prático e imediato, foi grandemente simplificado pelas disposições que adoptou para a consolidação de numerosas obras de defesa dos campos do Ribatejo.

O apetrechamento das Ilhas Adjacentes começou a ser progressivamente organizado com recurso às conclusões dos estudos confiados às missões técnicas: para as rêdes de estradas da Madeira, de Ponta-Delgada, de Angra-do-Heroísmo e da Horta; para o reconhecimento das possibilidades técnicas e económicas da Ilha da Madeira, nos aspectos hidroeléctrico e hidroagrícola, em conjunto; para o estudo dos pequenos portos de tôdas as Ilhas, em função das respectivas zonas de influência económica.

Aos aspectos sociais dos problemas suscitados pela administração dos grandes trabalhos públicos, em que tem sido invertido, anualmente, cêrca de 1/4 das receitas gerais do Estado, ocorreu com as providências adequadas no momento: pela criação dos Serviços de Desemprêgo, que têm absorvido os excedentes de mão de obra nas épocas de maior crise; pelo reajustamento dos vencimentos e salários do pessoal das emprêsas concessionárias de serviços públicos; por simples providências administrativas sôbre os salários mínimos rurais e da construção civil.

Na estruturação de tôda a vasta obra, cujo esquisso incompleto deixamos delineado, apoiou-se na profunda reforma orgânica dos serviços do Ministério das Obras Públicas e Comunicações que fêz aprovar em 1935 e na reorganização, de 1933, do Conselho Superior de Obras Públicas, pela qual refundiu êste alto corpo consultivo, adaptando-o às novas exigências da Administração no que respeita aos pareceres sôbre electrificação, urbanismo e melhoramentos sanitários.

*

Todavia, o enunciado e a enumeração fria da Obra dêste estadista não revelam tudo: a materialização, escrita, das providências e, construída, das obras foi alimentada no seu êxito pelo exame exaustivo dos elementos de informação, pelo zêlo permanente na administração, pela selecção dos técnicos e mais colaboradores, pela vigilância atenta do desenvolvimento do trabalho, enfim, por uma intuição rara de aperfeiçoamento e uma vontade indomável de concentrar nesta geração a tarefa que foi perdida no passado.

No ajustamento dos melhores valores humanos às necessidades da Obra quatro profissões foram postas à prova e saíram engrandecidas: a do engenheiro, a do arquitecto, a do geógrafo e, ainda, a do comercialista.

O Ministro DUARTE PACHECO colaborou e serviu um profundo e vasto pensamento governativo com tôdas as faculdades do seu espírito. Quais, não as referiremos — basta resumi-las nesta palavra: engenho.

«...até ao esgotamento» foi a meta que assinalou ao esfôrço próprio e dos colaboradores, quando assumiu pela segunda vez, em 1938, a gerência da pasta das Obras Públicas, e afinal conseguiu ultrapassar-se nesse desígnio: de facto, no seu labor foi «...até à morte» em plena acção.

Exaltando a sua memória, inclinamo-nos ante o mistério e a grandeza de tal Destino.

ATUM ★ SARDINHAS ★ ANCHOVAS
IPCP
AS DELICIOSAS CONSERVAS
DE PEIXE PORTUGUESAS
DESPERTAM O APETITE
E ALIMENTAM
I.P.C.P.